

CURSO TÉCNICO EM
MEIO AMBIENTE



TRAMAS E
TESSITURAS



O CURSO



MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde
Departamento de Gestão da Educação na Saúde
Coordenação Geral de Ações Técnicas em Educação na Saúde

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente

Paulo Ernani Gadelha Vieira

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

Diretor

Paulo César de Castro Ribeiro

Vice-diretor de

Gestão e Desenvolvimento Institucional

José Orbílio de Souza Abreu

Vice-diretora de

Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico

Marcela Pronko

Vice-diretora de Ensino e Informação

Páulea Zaquini Monteiro Lima

Conselho de Política Editorial

André Vianna Dantas (coordenador)

Bianca Côrtes

Carla Martins

Cátia Corrêa Guimarães

Grasiele Nespoli

José Roberto Franco Reis

José dos Santos Souza

Luís Maurício Baldacci

Márcia Teixeira

Ramon Peña Castro

Vânia Cardoso da Motta

Coordenação do Projeto

LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE - EPSJV/FIOCRUZ

Cooperação:

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

NÚCLEO TRAMAS (TRABALHO, MEIO AMBIENTE E SAÚDE) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CAPACITAÇÃO EM AGROECOLOGIA



CTMA

ÊNFASE EM
SAÚDE AMBIENTAL DAS
POPULAÇÕES DO CAMPO

TRAMAS E TESSITURAS

sobre território, trabalho, saúde, ambiente e educação

Nº 1

O CURSO

Lições aprendidas das experiências no Ceará e Paraná

Rio de Janeiro, 2017
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz



Licença Creative Commons atribuição CC BY-NC.
É permitido copiar e distribuir para uso não comercial,
sempre citando a fonte.

Texto e organização

Gigi Castro

André Campos Búrigo

Lara de Queiroz Viana Braga

Eduardo Alvares da Silva Barcelos

Animação do

processo de sistematização

Gigi Castro

Equipe de Sistematização

Adaizi Citron da Silva

André Campos Búrigo

André Luis Monteiro

Bernardo Vaz

Eduardo Alvares da Silva Barcelos

Etel Matiello

Gigi Castro

Lara de Queiroz Viana Braga

Marcelo José Monteiro Ferreira

Revisão

Alexandre Pessoa Dias

Gigi Castro

Mercedes Queiroz Zuliani

Arte, diagramação e edição

Bernardo Vaz | Aicó Culturas

Ilustrações

Anderson Augusto de Souza Pereira

Catálogo na fonte

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Biblioteca Emília Bustamante

C355g

Castro, Gigi (Org.)

O curso / Organizado por Gigi Castro, André Campos Búrigo, Lara de Queiroz Viana Braga e Eduardo Alvares da Silva Barcelos. – Rio de Janeiro: EPSJV, 2017.

56 p. : il. ; - (Coleção Tramas e Tessituras, 1)

ISBN: 978-85-98768-95-3

1. Saúde do Campo. 2. Saúde da População Rural. 3. Educação do Campo. 4. Politecnia. 5. Movimentos Sociais. 6. Agroecologia. 7. Reforma Agrária. 8. Agricultura Sustentável. 9. MST. 10. Pedagogia do Movimento Sem Terra. I. Búrigo, André Campos. II. Braga, Lara de Queiroz Viana. III. Barcelos, Eduardo Alvares da Silva. IV. Título.

370.91734

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz

Av. Brasil, 4.365

21040-360 – Mangunhos

Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3865-9797

www.epsjv.fiocruz.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
<i>a árvore</i>	
SABER FAZER E APRENDER	19
<i>as raízes</i>	
QUANDO MAIS DENTRO AFLORA	25
<i>o tronco</i>	
SABER A PARTIR DOS TERRITÓRIOS	35
<i>a copa</i>	
AS TURMAS-TERRITÓRIOS	45
<i>a roda</i>	
AS PARCERIAS	57
BIBLIOGRAFIA	60

Coordenação do Projeto	<i>Alexandre Pessoa Dias</i> <i>André Campos Búrigo</i> <i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i>	
Analistas de Gestão do Projeto	<i>Adriana da Silva Ricão</i> <i>Aline Andréa Pereira</i>	<i>Denise Ribeiro da Costa</i> <i>Patrícia Maria Ferreira da Silva</i>
Coordenação Político Pedagógica da turma Josué de Castro (PR)	<i>Adaizi Citron da Silva</i> <i>Alexandre Pessoa Dias</i> <i>André Campos Búrigo</i> <i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i>	<i>Elaine Jussara Marchioro</i> <i>Etel Matiolo</i> <i>Jaqueline da Luz Ferreira</i> <i>Marcos Antônio Pereira</i>
Coordenação Político Pedagógica da turma Raízes da Terra (CE)	<i>Alexandre Pessoa Dias</i> <i>André Campos Búrigo</i> <i>Clarice Rodrigues</i> <i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i> <i>Gislei Siqueira</i>	<i>Jaqueline da Luz Ferreira</i> <i>Lara de Queiroz Viana Braga</i> <i>Marcelo José Monteiro Ferreira</i> <i>Rosângela Pereira</i> <i>Rosivaldo dos Santos</i>
Educadores e Educadoras		
<i>Adaizi Citron da Silva</i>	<i>Geraldo Deffune G. de Oliveira</i>	<i>Mario Martins</i>
<i>Alan Tygel</i>	<i>Geraldo Gasparim</i>	<i>Maritânea Andretta Risso</i>
<i>Alexandre Pessoa Dias</i>	<i>Gigi Castro</i>	<i>Mayrá Lobato</i>
<i>Alfredo Benato</i>	<i>Gilvan Santos</i>	<i>Miguel Xavier de Carvalho</i>
<i>Ana Claudia Teixeira</i>	<i>Gislei Siqueira</i>	<i>Natália Martins</i>
<i>Anelise Graciele Rambo</i>	<i>Gladys Miyashiro Miyashiro</i>	<i>Neusa Buffon</i>
<i>André Campos Búrigo</i>	<i>Helionora da Silva Alves</i>	<i>Nilciney Toná</i>
<i>André Luis da Silva Monteiro</i>	<i>Henrique Frota</i>	<i>Olga Estefania Duarte</i>
<i>Andrezza Grazzielli</i>	<i>Henrique Marinho</i>	<i>Paulo Victor Bezerra de Lima</i>
<i>Antônia Ivoneide Melo Silva</i>	<i>Idalice Barbosa</i>	<i>Paulo César Ueti Barasioli</i>
<i>Antônio Escobar de Almeida</i>	<i>Jaqueline da Luz Ferreira</i>	<i>Paulo de Oliveira Perna</i>
<i>Arlene Chaves</i>	<i>José Pereira de Sousa Sobrinho</i>	<i>Priscila Delgado de Carvalho</i>
<i>Armelindo Rosa da Maia</i>	<i>Josimeire Aparecida Leandrini</i>	<i>Raquel Maria Rigotto</i>
<i>Bernadete Bezerra</i>	<i>Julian Perez Cassarino</i>	<i>Rhayane Lourenço</i>
<i>Bernardo Vaz</i>	<i>Juliana Teixeira</i>	<i>Rino Bonvini</i>
<i>Carla Maria Loop</i>	<i>Laldiane de Souza Pinheiro</i>	<i>Rodrigo Azevedo</i>
<i>Carlile Lavor</i>	<i>Lara de Queiroz Viana Braga</i>	<i>Rodrigo das Neves dos Santos</i>
<i>Carlos José Raupp Ramos</i>	<i>Leonardo Pereira Xavier</i>	<i>Rosana Kirsch</i>
<i>Cleusa Maria dos Santos</i>	<i>Leonardo Schramm Feitosa</i>	<i>Rosângela Pereira</i>
<i>Christine Farias Coelho</i>	<i>Ligia Klein</i>	<i>Rosivaldo dos Santos</i>
<i>Debora Villetti Zuck</i>	<i>Lisaldo Maia</i>	<i>Rudison Luiz Ladislau</i>
<i>Dennison de Oliveira</i>	<i>Lúcia Izabel de Araújo</i>	<i>Sadi Gomes de Amorim</i>
<i>Diego Gadelha de Almeida</i>	<i>Luciana Strobel</i>	<i>Sergiano de Lima Araújo</i>
<i>Eduardo Alvares da Silva Barcelos</i>	<i>Luis Alejandro Lasso Gutierrez</i>	<i>Sidnei Apolinário</i>
<i>Elaine Jussara Marchioro</i>	<i>Maisa Servolo Baggio</i>	<i>Tauí Castro</i>
<i>Elemar Cezimbra</i>	<i>Manuela F. C. da Silva Pereira</i>	<i>Teolide Parizotto Turcatel</i>
<i>Elsa Marília Andujar de Oliveira</i>	<i>Marcelo José Monteiro Ferreira</i>	<i>Thiago da Cruz Alves</i>
<i>Elizabeth Guinart Araújo</i>	<i>Marcelo José de Souza e Silva</i>	<i>Ursino da Silva Neto</i>
<i>Etel Matiolo</i>	<i>Marco Aurélio Da Ros</i>	<i>Valdemar Arl</i>
<i>Fátima Castro</i>	<i>Marcos Antônio Pereira</i>	<i>Vanessa Calixto</i>
<i>Francis Mary Guimarães Nogueira</i>	<i>Marcos Gehrke</i>	<i>Vanessa Issuzu Miyakawa</i>
<i>Frederico Costa</i>	<i>Maria Idalice Silva Barbosa</i>	<i>Vera Dantas</i>

NÃO SEI AO CERTO O QUE É SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE, MAS ARRISCO DIZER QUE SEJA ALGUÉM QUE ESTEJA CAPACITADO PARA ENTENDER O MEIO AMBIENTE, QUE SAIBA FORMAS DE CUIDAR, DE PROTEGER, PRESERVAR E QUE CONHEÇA SEUS LIMITES. UMA PESSOA QUE TENHA A FORMAÇÃO NECESSÁRIA PARA PODER REPASSAR PARA AS PESSOAS COMO DEVE SER A CONVIVÊNCIA DELAS NO MEIO EM QUE VIVEM, SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA, E FAZER COM QUE ELAS PERCEBAM AS MUDANÇAS, AS FRAGILIDADES DESTE MEIO. ACHO QUE ESTA FORMAÇÃO PODE SER IMPORTANTE DESDE QUE SE COLOQUE EM PRÁTICA O QUE SE APRENDEU, E QUE SEJA ALGO ABERTO A CRÍTICAS E MUDANÇAS, OU SEJA, QUE NÃO SEJA ALGO RESTRITO APENAS A APRENDIZAGEM TEÓRICA E QUE POSSA SER RELACIONADA COM A VIVÊNCIA EM PRÁTICA. TENHO CERTEZA DE QUE SÃO MUITAS AS POSSIBILIDADES DE SE OBTER BONS RESULTADOS DENTRO DA COMUNIDADE AO APLICAR O QUE SE APRENDEU, OU ATÉ MESMO USANDO A PRÓPRIA COMUNIDADE COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E ESTUDO. POR ISSO CONSIDERO DE GRANDE IMPORTÂNCIA ESTE CURSO. ACREDITO, PORTANTO, QUE AS PESSOAS QUE TERÃO A OPORTUNIDADE DE PARTICIPAR DESTE CURSO SERÃO BEM RECOMPENSADAS COM CONHECIMENTO E POSSIBILIDADES DE CONSTRUIR MUDANÇAS BOAS PARA SUAS COMUNIDADES. **LAUREANA FEITOSA** (LAURA) — CURRAL VELHO-ACARAÚ, CE. TRECHOS DA “CARTA DE INTENÇÃO” AO CTMA, 2012.

QUERO FAZER ESSE CURSO POR SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE. PENSO QUE ME TRARÁ UMA GRANDE BAGAGEM PRA MIM E PRO MEU PRÓPRIO TRABALHO COMO AGENTE COMUNITÁRIA DE SAÚDE — E, QUEM SABE, POSSO ENTENDER MELHOR O NOSSO MEIO AMBIENTE, QUE TANTO FALAMOS E EU POUCO CONHEÇO PRA FAZER ALGO POR ELE. ESPERO COMEÇAR O CURSO E NÃO DESISTIR, POIS SOU UMA MULHER DESAFIADORA. FIQUEI VINTE E TRÊS ANOS FORA DA ESCOLA E DEPOIS TIVE APOIO DA MINHA FAMÍLIA, VOLTEI PRA SALA DE AULA DURANTE QUATRO ANOS, VIAJANDO TRINTA E QUATRO QUILOMETROS DUAS VEZES POR SEMANA, CONSEGUI CONCLUIR O ENSINO MÉDIO E MAIS DE QUATROCENTAS HORAS SÓ NA ÁREA DA SAÚDE. SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE, PRA MIM, PENSO QUE É CONHECER E SABER TUDO O QUE ENVOLVE O MEIO AMBIENTE, O QUE EU E A COMUNIDADE PODEMOS E DEVEMOS FAZER SENDO CONHECEDOR PRA PROTEGER O MEIO AMBIENTE — E TER ALGUÉM NA COMUNIDADE OU ASSENTAMENTO COM CONHECIMENTO NA ÁREA É MAIS PRÁTICO PRA SE FAZER ALGUMAS COISAS. SEI QUE É UM DESAFIO GRANDE PRA MIM, MAS NUNCA DESISTI POR QUALQUER COISA, ATÉ PORQUE EU GOSTO MUITO DE ESTUDAR. JÁ SUPEREI UM GRANDE PROBLEMA QUE EU TINHA, QUE ERA DE SER MUITO TÍMIDA. AINDA SOU UM POUCO, MAS JÁ TRABALHO BEM EM EQUIPE, JÁ SUPEREI O MEDO DE FALAR, QUE INCLUSIVE ERA MUITO, E ESPERO ME DAR BEM EM MAIS ESSE CURSO PRA MULTIPLICAR OS CONHECIMENTOS PRO ASSENTAMENTO ONDE TODOS ESTÃO TORCENDO POR MIM. **TEREZINHA SILVEIRA** (TERE) — ASSENTAMENTO CONQUISTA DO HORIZONTE, PASSOS MAIA, SC. TRECHOS DA “CARTA DE INTENÇÃO” AO CTMA, 2012.



ANTES DE LHE DARMOS NOME
TUDO SE CHAMA: ENIGMA

LYA LUFT EM "O TEMPO É UM RIO QUE CORRE"

apresentação



Ao se decidirem pela sistematização das experiências do Curso Técnico em Meio Ambiente, todas as pessoas envolvidas na sua construção se perguntaram: como?

- » Como dar conta da riqueza que foram os 14 meses de CTMA no Ceará e no Paraná — e do próprio fato de que o CTMA é a um só tempo semente/fruto/raiz e conquista do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST, a partir de suas lutas e princípios, nos quais a *educação permanente* é um princípio?
- » Como compartilhar as alegrias e as angústias da mobilização de força de trabalho e recursos materiais para tornar possível essa experiência — e como contar os momentos de negociação que culminaram em Brasília, mas que começam bem antes, cuja orquestração-mor se dá através dos esforços contínuos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV da Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ no Rio de Janeiro, no sentido de compreender, aprender e ir ao encontro das reivindicações postas pelos movimentos sociais do campo, em especial o MST?
- » Como dar conta do encontro entre duas escolas — a da Politecnicia e a da Pedagogia do MST —, que pôde alimentar ambas as formulações?
- » Como compartilhar o que têm sido as conquistas desses movimentos sociais do campo, em especial do MST, a partir de suas formas de organização (em setores, coletivos), mobilização, articulação — e da atenção que destina às dimensões da *educação*, da *saúde* e do *ambiente* articuladas às do *trabalho* e do *território*, que estaremos a tratar aqui?
- » Como apresentar as parcerias que foram necessárias para que os processos de construção do Curso se dessem, paralelamente, em dois estados, com destaque para o papel do Núcleo Tramas da UFC/CE, da Universidade Federal da Fronteira Sul, do *campus* Laranjeiras do Sul/PR e do CEAGRO/PR, articulando dois contextos territoriais bastantes diversos mas com questões comuns ao território maior chamado Brasil — diante do avanço do capital na agricultura e na expropriação dos recursos da natureza e num contexto em que as políticas de saúde, meio ambiente e educação não raro seguem caminhos próprios com grandes dificuldades de interseção?
- » Como contar do protagonismo dos movimentos sociais nesse processo, compreendendo as potencialidades e os limites de uma construção horizontal em todas as etapas e momentos propostos, na dialética que concerne a todo processo pedagógico que permanece vivo e pulsante a partir de seus êxitos e de suas contradições?
- » Como compartilhar os princípios que inspiraram e regeram o cotidiano dos/as 55 estudantes



- (depois Técnicos e Técnicas em Meio Ambiente), baseados no *Método Pedagógico do MST* e a partir da construção de um currículo que não começou nem acaba com os módulos/estágios/TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso) vivenciados entre setembro de 2012 e dezembro de 2013, mas que tem como base a inserção nos territórios, articulando as dimensões do trabalho, território, saúde, ambiente e educação?
- » Como traduzir as lições aprendidas nos *tempos-escola* (com seus eixos, módulos, unidades de aprendizagem, conteúdos), nos *tempos-comunidade*, nos estágios e na gestão coletiva e democrática do curso — mediante a autogestão dos/as estudantes organizados/as em núcleos de base/NB e de uma Coordenação Político-Pedagógica/ CPP composta por parceiros/professores-as/facilitadores-as na regência dos processos realizados, de forma coletiva e horizontal?
 - » Como falar da ponte (aéreo-terrestre) Rio de Janeiro-Ceará-Paraná em que aos percursos nos aeroportos se misturaram os percursos nas rodoviárias e nas estradas (nem sempre pavimentadas) que levavam às escolas e assentamentos para poder dar concretude às 960 horas do Curso em cada estado (Ceará e Paraná), divididos em 645 horas de *tempo-escola*, 155 horas de trabalho de campo e 160 horas de estágio supervisionado no Sistema Único de Saúde/SUS e na Assistência Técnica e Extensão Rural/ATER?
 - » Como trazer a fala, o discurso e o pensamento de estudantes/trabalhadores-trabalhadoras do campo, do mar, das águas e das pequenas cidades, em sua grande maioria jovens, a partir da sua produção de conhecimento expressa em cartas, memoriais, escrita acadêmica e inúmeras formas de linguagens a envolver a arte e a cultura camponesas?
 - » Como organizar as mais de 500 páginas produzidas em torno ou a propósito do CTMA por profissionais ligados às áreas das ciências biológicas e da terra (agronomia, biologia, educação física, enfermagem, farmácia, medicina, medicina veterinária, nutrição, técnico em agroecologia, técnico em saúde comunitária), ciências exatas (engenharia ambiental, engenharia civil e engenharia florestal, sistemas de informação), ciências humanas (artes, comunicação social, direito, economia, filosofia, geografia, história, letras, música, pedagogia, psicologia, sociologia, serviço social), ou por populares que contribuíram a partir de sua práxis transformando-a em teoria — tudo isso na forma de documentos, programas, relatórios, relatos, artigos... enfim, estudos?
 - » Como, e por fim, capturar o essencial de todo esse processo, aquilo que não pode deixar de ser dito, aquilo que é o próprio *ethos* dessa experiência, os seus aprendizados e *recados*, e comunicá-los numa sistematização?



É esse o desafio destes Fascículos! **Aprender, compreender e compartilhar** os resultados mas também as entrelinhas do processo que muitas pessoas, movimentos e instituições conseguiram empreender a partir da reunião de vários coletivos, de inúmeras mãos.

Nesse sentido, ao longo de todo o CTMA foram pensados e reiterados momentos de reflexão/avaliação/sistematização de informações e de aprendizagens. No entanto, quando se fecham as portas do Curso enquanto experiência pedagógica diretamente orientada nos territórios, abrem-se as janelas para esse processo de organização de documentos, registros, banco de dados — tão importante e sem o qual não seria possível a elaboração deste material por uma equipe que trabalhou durante todo o ano de 2014 a 2016, e que agora vem a público.

Público, diga-se de passagem, que envolve os próprios sujeitos desse processo: Técnicos/as em Meio Ambiente com ênfase em Saúde

Ambiental das Populações do Campo, mas também aqueles e aquelas que estão nos territórios de onde vieram e para onde retornaram esses/as Técnicos/as, bem como aqueles e aquelas que estão nos assentamentos, acampamentos, nas ocupações, nas pequenas comunidades, nas regiões costeiras e litorâneas, nas regiões de Mata Atlântica, nas áreas dos faxinalenses, no semiárido nordestino — ou seja, público que vivenciou e público que não vivenciou pessoalmente essa experiência, compreendendo-a como uma referência no âmbito da *saúde ambiental*, e sobretudo da *Saúde e da Educação do Campo*.

Público que envolve também os setores governamentais, os poderes públicos instituídos e responsáveis pelas políticas de saúde, de educação e de meio ambiente do país. Isso porque, ao pensar de que forma traduzir alguns conteúdos, pensamos em *recados* a serem dados. Pois se como se aprendeu no CTMA, o/a Técnico/a em Meio Ambiente não pode segmentar, dividir, fragmentar o que é do domínio da saúde ou do meio ambiente — uma vez que esses vetores se cruzam, se articulam, se influenciam mutuamente, para citar um exemplo —, também os setores que gerenciam as políticas públicas podem aprender desse processo, naquilo que ele apresenta de possibilidades de integração de saberes e de práticas e de mudança de padrões ou de transformações, a partir de um mergulho profundo nesta *experiência-referência*.

RECADOS

estão reunidos ao final de cada fascículo.

ENIGMA

aqui compreendido como um processo que não se constituiu de forma positivista mas complexa, em todos os seus aspectos.



E para nos guiar na decifração desse enigma em que se constituiu a realização desta experiência que estamos a compartilhar/comunicar, procuramos como fio condutor as cartas das/os egressas/os do CTMA.

E para nos guiar na decifração desse **enigma** em que se constituiu a realização desta experiência que estamos a compartilhar/comunicar, procuramos como fio condutor as cartas das/os egressas/os do CTMA.

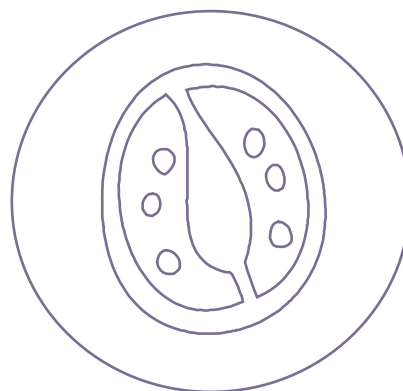
Nesse sentido, a ideia de utilizar as **cartas** que as/os então estudantes do CTMA produziram — quer as de intenção (no início do Curso), quer as finais (e estas mais que as primeiras) — vem no sentido de dar voz aos sujeitos centrais desta experiência.

Percorrendo essas cartas, vimos tratar-se de um material precioso, que fala por si só sobre os processos de transformação vivenciados pelos/as 55 Técnicos/as em Meio Ambiente formados/as ao final de um ano e quatro meses de trabalho.

Essas vozes, contudo, não se encontram sozinhas — nem em seus territórios nem no contexto do próprio CTMA. Trazemos, então, dialogando com elas, as vozes/falas/escritos daquelas e daqueles que com essas Técnicas e Técnicos estiveram — seja de quem compôs a Coordenação Político-Pedagógica/ CPP do Curso, seja de parceiros e parceiras, colaboradoras e colaboradores, educadoras e educadores do Curso.

Desse modo, e para que se tenha uma maior aproximação possível do que foi todo esse processo, foram compostos **5 fascículos** com a finalidade de comunicar a experiência do CTMA, com seus dilemas e aprendizados.

Todos esses produtos, juntamente com a produção audiovisual aberta ao compartilhamento, se encontram também reunidos no **site** do CTMA que, para além dos Fascículos, dos vídeos, fotos, da ferramenta **Yandé**, traz registros, em imagens



CARTAS

Trechos destas cartas estão nas aberturas dos capítulos de cada fascículo.

5 FASCÍCULOS

- 1 – O curso
- 2 – A gestão
- 3 – Metodologia
- 4 – Territórios
- 5 – Os Saberes

SITE

www.saudedocampo.epsjv.fiocruz.br

YANDÉ

tecnologia educacional de apoio à Educação do Campo desenvolvida no projeto.

"DECIFRA-ME, MAS NÃO ME CONCLUA, EU POSSO TE SURPREENDER".

CLARICE LISPECTOR

e em textos, do processo que estamos comunicando. A partir do site, você vai poder acessar, por exemplo, os Trabalhos de Conclusão de Curso/TCCs, dos/as Técnicos/as em Meio Ambiente, que são uma das matrizes do que agora chega em suas mãos (como se poderá aprofundar no Fascículo 3).

No Fascículo 4, para enriquecer o diálogo justamente com os territórios, a partir da voz dos Técnicos /os em Meio Ambiente, que utilizamos em vez das Cartas, de fragmentos de seus TCCs.

E porque, mesmo com todo esse esforço, o que trazemos nesta sistematização nem de perto alcança o que a experiência foi com o pé nos territórios e o envolvimento de todas as pessoas que dela fizeram parte, é que contamos também com a sua compreensão. Assim como num jogo de baralho as cartas podem se organizar de diversas maneiras, com uma dinâmica que diz do momento (tempo/espço) dos sujeitos envolvidos, as escolhas feitas para apresentar esta experiência têm também uma lógica, uma sequência — desenhada a partir de muitos encontros, muitas conversas, muito trabalho, mas também muito prazer, muita sinergia.

Mergulhar nos processos do CTMA, com a sua complexidade, diversidade, questões, potenciais e desafios a partir de todos esses elementos demandou um grande esforço, mas foi também uma alegria. Que possamos compartilhá-la!



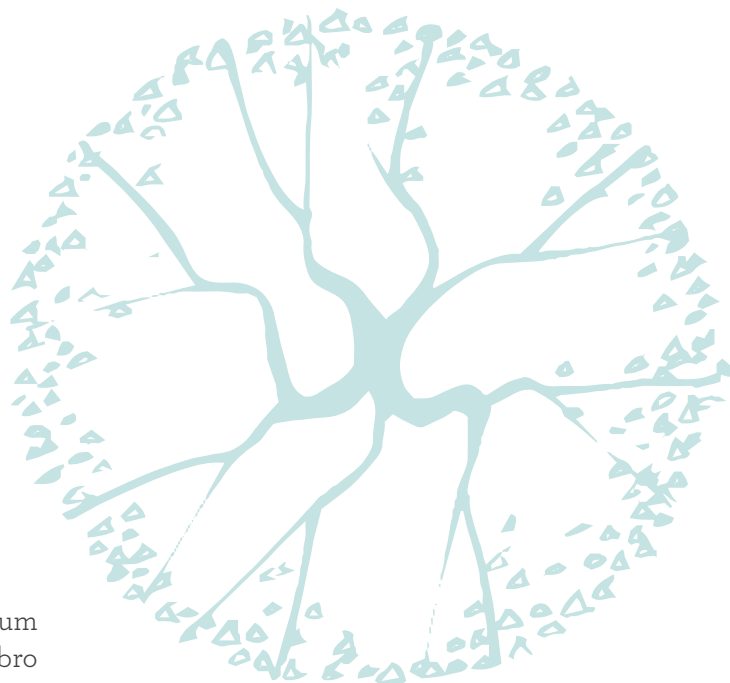
TODA ESSA FORMAÇÃO DE TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE ME PROPORCIONOU MAIOR AMADURECIMENTO DE VIDA AO ENTRAR EM CONTATO COM NOVAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS. E COMO O CURSO É CARACTERIZADO POR ALTERNÂNCIA, ME POSSIBILITOU UMA VIVÊNCIA COLETIVA, RESPEITANDO AS DIFERENÇAS E AS DECISÕES DO GRUPO, O QUAL PARA MIM ERA UMA DIFICULDADE ENQUANTO SER HUMANO. MINHA INDICAÇÃO E ENCAMINHAMENTO PARA A REALIZAÇÃO DO CURSO DEU-SE PELO MST, MOVIMENTO QUE FAZIA PARTE HÁ UM BOM TEMPO, MAS NÃO HAVIA AQUELA PREOCUPAÇÃO EM CONHECÊ-LO A FUNDO, SUAS CONVICÇÕES, LUTAS, CONQUISTAS E PRINCÍPIOS. HOJE, DEPOIS DE DEBATES REALIZADOS EM SALA DE AULA REFERENTES A ESTRATÉGIAS, À LUTA E ESTUDOS DO PLANO AGRÁRIO, ME SINTO CAPAZ DE MILITAR E DEFENDER O MOVIMENTO QUE FAÇO PARTE, O MST. **SAMUEL GONÇALVES DE SOUZA** — ASSENTAMENTO CELSO FURTADO, QUEDAS DO IGUAÇU, PR. TRECHOS DE “CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

ESSE UM ANO E TRÊS MESES NÃO FORAM APENAS NÚMEROS, DIAS — SIGNIFICARAM EXPERIÊNCIAS TROCADAS, SABERES DIFERENTES COMPARTILHADOS, ALEGRIAS, LÁGRIMAS, BRINCADEIRAS, CONHECIMENTOS APERFEIÇADOS, DENTRE OUTROS. RESSALTANDO QUE O CURSO TEVE UM PAPEL FUNDAMENTAL ME APROXIMANDO DAS CAUSAS SOCIAIS: HOJE ESTOU MAIS ENVOLVIDA ESPECIFICAMENTE COM O MST. O CURSO VEIO, SEM DÚVIDAS, NÃO APENAS FORMAR TÉCNICOS, MAS MILITANTES ENVOLVIDOS COM AS CAUSAS SOCIAIS, COM A SENSIBILIDADE DE SE INDIGNAR COM A EXPLORAÇÃO. ESSA FORMAÇÃO QUE TIVEMOS A OPORTUNIDADE DE RECEBER ME FEZ SENTIR

QUE, ALÉM DE TÉCNICOS, SOMOS MOBILIZADORES SOCIAIS QUE VAMOS ESTAR NA LUTA COM OS DEMAIS. **GERLLANE GOMES** — ASSENTAMENTO PALMARES, CRATEÚS, CE. TRECHOS DA “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

NO INÍCIO DESSE PROCESSO, A GENTE FICOU PENSANDO ONDE O CURSO SERIA FEITO NO CEARÁ. E A GENTE COGITOU FAZER O CURSO DENTRO DA UFC, TER UM GRUPO DE MILITANTES DO MST (OU DE TRABALHADORES DO CAMPO) CIRCULANDO NA UNIVERSIDADE TERIA UM IMPACTO IMPORTANTE PARA A PRÓPRIA UNIVERSIDADE. POR OUTRO LADO, A GENTE TROUXE ESSA REFLEXÃO PORQUE O MST ESTAVA COM UMA CAMPANHA: ‘FECHAR ESCOLA NO CAMPO É CRIME!’ ESSE FOI UM DESAFIO ENORME, PENSAR ONDE REALIZAR O CURSO. A GENTE DEVE TER FICADO CERCA DE 150 DIAS MERGULHADOS NO TERRITÓRIO. E NÓS, PESSOAS URBANAS, PRA FALAR DE SAÚDE DO CAMPO, FOI IMPORTANTE ESSE MERGULHO NOS TERRITÓRIOS. PORQUE QUANDO O SUS COLOCA O MODELO DO SUS URBANO NO CAMPO NÃO É SÓ UMA VIOLÊNCIA DE NÃO RECONHECER O CAMPO: É A PERDA DA OPORTUNIDADE DO SISTEMA DE SAÚDE PERCEBER OUTRAS POSSIBILIDADES DE CONEXÃO DA VIDA, OUTROS CONCEITOS DE SAÚDE, DE SE PERMITIR ESTAR ABERTO A ISSO DE FORMA VERDADEIRA. ESSE CURSO TEM VÁRIAS SINGULARIDADES, A GENTE FEZ TANTA COISA NOVA! A SISTEMATIZAÇÃO PRA MIM IMPLICA CONTAR O QUE A GENTE FEZ, MAS NO CONTAR IDENTIFICAR COISAS QUE SÃO EXTREMAMENTE IMPORTANTES — E O COMO CONTAR, O QUÊ CONTAR, PORQUE TEM UMA PORÇÃO DE COISAS CHEGANDO PRO CAMPO DE FORA PRA DENTRO. **ANDRÉ BÚRIGO** (DECO) — SANITARISTA DA EPSJV/FIOCRUZ E CPP CTMA. DEPOIMENTO DURANTE OFICINA DE SISTEMATIZAÇÃO, MARÇO, 2014.

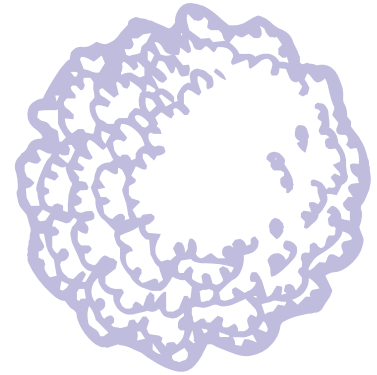
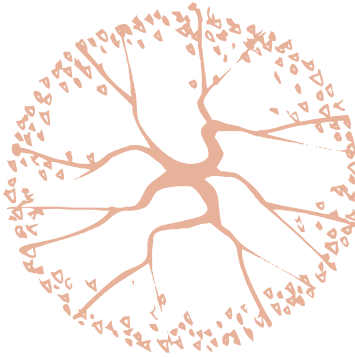
SABER, FAZER E APRENDER



Compreendendo o CTMA como um processo que não começa em setembro de 2012 e nem acaba em dezembro de 2013; compreendendo a *saúde do campo* como uma dimensão própria, singular, cujas bases vêm sendo construídas na luta dos movimentos sociais, dos profissionais e setores da saúde comprometidos com as lutas da Reforma Sanitária e da Reforma Agrária, pelo reconhecimento dos territórios dos povos tradicionais, entre tantas outras lutas no Brasil; compreendendo ainda o empenho de muita gente, tanto da sociedade civil como do serviço público, com uma visão mais ampla do conceito de *saúde*... temos um longo percurso nem sempre fácil de trilhar, algumas vezes mesmo tortuoso, mas certamente rico e prenhe de significados ao longo dessas últimas quatro décadas.

A tentativa de sintetizar esse caminho para poder compartilhá-lo levou-nos à criação de uma árvore, uma *árvore da vida* — uma árvore da vida do CTMA na relação com esses processos de construção de uma concepção emancipada de *saúde do campo*.

Escolhemos a árvore porque esse símbolo esteve tão presente nas representações de quem passou pelo CTMA — desde o nome da turma no Ceará (*Raízes da Terra*) até mesmo ao que significou, do ponto de vista de processo, para quem nele se formou — que não nos pôde passar despercebido. Ademais, a árvore é um símbolo universal que retrata justamente, a partir de seus vários elementos e de sua capacidade de renovação, os ciclos por que passam os diversos organismos vivos, dentre os quais o próprio ser humano.

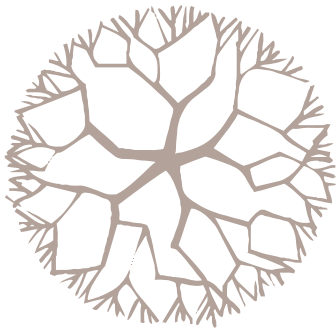


RAÍZES

Nesse sentido, tudo que antecede os processos desenvolvidos diretamente nos territórios no período compreendido entre setembro de 2012 e dezembro de 2013 se encontra nas raízes. Nelas encontramos o que dá sedimento, a terra onde se fincam os sustentáculos do CTMA, nem sempre numa relação direta e à primeira vista perceptível, contudo imprescindível para uma compreensão mais ampla do que estamos tentando comunicar — e diretamente vinculado aos processos de luta pela *saúde do campo*.

O TRONCO

O tronco dessa árvore é o CTMA propriamente dito. Tudo aquilo que o constituiu, sua inserção nos territórios, os módulos, eixos, o regime de alternância entre *tempos-escola* e *tempos-comunidade*, enfim: é o Curso! Quando dizemos isso é na compreensão de que o CTMA é, em termos de processos mais amplos, o *fio condutor* desses 5 Fascículos que estamos a compartilhar — mas, como já dissemos, o CTMA é também o mote a partir do qual estamos problematizando a questão da *saúde do campo* e suas relações com os territórios, os ambientes, as condições de trabalho, de produção e de geração de renda, as políticas públicas pensadas para o campo, os aspectos étnicos, sociais, culturais e de gênero.



A COPA

A copa dessa árvore, por sua vez, está constituída, dentre outras coisas como vamos ver, sobretudo pelas pessoas formadas nesse processo: Técnicas e Técnicos em Meio Ambiente/TMA com ênfase em Saúde Ambiental das Populações do Campo. Aqui vamos procurar dar a saber de onde são, o que estão a fazer e de certo modo perceber o que todo esse caldo de processos conseguiu colocar em movimento nos sujeitos que dele fazem parte.

OS FRUTOS

Quanto aos frutos, alguns já são bastante visíveis, tais como o fortalecimento dos processos organizativos nos territórios de base desses/as TMA's e a sua inserção qualificada nos Coletivos do Setor de Saúde do MST e/ou dos movimentos outros de que fazem parte.

Outro aspecto é a orientação de grupos e sujeitos nos seus territórios quanto a questões relacionadas a formas de produzir que considerem verdadeiramente a equação custo/benefício, no sentido de uma relação mais equânime com o meio ambiente relativamente às formas de produção/habitação/consumo/geração de renda.

Destaque-se ainda os convites recebidos por vários técnicos formados para atuarem em equipes de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

Outros frutos, porém, advirão dessa aposta no futuro que é no que se constitui todo processo de educação.

Ao longo dos Fascículos, e não de uma só vez, vamos aos poucos nos familiarizando com todos os sujeitos envolvidos e aspectos, nunca de forma conclusiva mas de modo a nos instigar outras leituras. Isso porque os 55 estudantes formados/as ao final dos 14 meses de trabalho intensivo são significativos, enquanto referência, de processos que passam, entre outros:

- pela luta do Movimento da Reforma Sanitária Brasileira, que tem como marco a 8ª Conferência Nacional de Saúde;
- pela constituição do Setor de Saúde do MST e seu conceito ampliado de saúde;
- pela criação do *Grupo da Terra* e pela importância decisiva de setores ligados à luta pela Reforma Agrária e *saúde do campo*;
- pela própria trajetória do Laboratório de Educação Profissional em Vigilância em Saúde/LAVSA e pelas experiências desenvolvidas com as populações do campo;
- pela cooperação, também, entre a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e o MST que já tem realizado várias experiências pedagógicas buscando encontrar caminhos possíveis para a *educação profissional em saúde do campo*;
- pelo envolvimento, enfim, de um sem-número de parceiros, com especial destaque para o Núcleo Tramas da UFC e a Universidade Federal Fronteira Sul/UFFS-PR e o CEAGRO no Paraná — parcerias essas, como veremos, encontradas em vários estados do país, para além daquelas por onde o CTMA passou ou aconteceu.



Partilhar esse caminho, no entanto, ou essa *árvore da vida*, mais do que um “prestar contas” do que foram esses processos todos e os esforços que vimos empreendendo nesta experiência, tem um recado muito direto para os governos e a para a sociedade: a importância e a necessidade de se pensar profissionais técnico-militantes para atuar na *saúde do campo*, vinculados com os territórios e exercendo sua ação a partir do conhecimento articulado entre ambiente e saúde. Vejamos o que isso significa!

A tentativa de sintetizar esse caminho para poder compartilhá-lo levou-nos à criação de uma árvore, uma árvore da vida — uma árvore da vida do CTMA na relação com esses processos de construção de uma concepção emancipada de saúde do campo.



NESTE PROCESSO DO CURSO COMPREENDI QUE O FATOR SAÚDE/MEIO AMBIENTE CONGREGA UMA VINCULAÇÃO MAIS ALÉM, OU SEJA, AMPLITUDE. MEIO AMBIENTE COMO SAÚDE DO HOMEM E DA NATUREZA, O ESPAÇO ONDE SE CONVIVE CONSORCIADAMENTE, MANTENDO O EQUILÍBRIO SOCIOAMBIENTAL. COM TUDO ISSO, O QUE MOTIVA A CONTINUAR É O COMPROMISSO, A IDENTIFICAÇÃO COM O TEMA E A UTILIDADE DE FAZER ACONTECER DE FATO ESTE DIREITO DA VIDA HOMEM/MEIO AMBIENTE. COM O CURSO TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE TORNEI-ME MAIS CONSCIENTE DO COMPROMISSO COMO SER SOCIAL, NA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE — PARA MIM, SER TÉCNICO É SER MILITANTE SOCIAL, PROTAGONISTA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE É SER COMPANHEIRO DO TRABALHADOR CAMPONÊS, DA CLASSE TRABALHADORA.

HAMILTON TELES — ASSENTAMENTO ALVAÇA GOIABEIRA, SANTANA DO ACARAÚ, CE. TRECHOS DA “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

ESTA FORMAÇÃO ME PROPORCIONOU CONHECER NOVOS CONCEITOS E APROFUNDAR OS CONHECIDOS. CONCEITOS INICIAIS QUE ERAM SEPARADOS E CONHECIDOS POR ESPECIALISTAS. SAÚDE ERA ATENDIMENTO BÁSICO MÉDICO E POSTOS DE SAÚDE DE ATENDIMENTO. NUNCA HAVIA OLHADO COMO SE EU E A COMUNIDADE FÔSSEMOS AGENTES PROMOTORES DE SAÚDE. HOJE, APÓS DESENVOLVER UM TRABALHO EM CONJUNTO COM OS JOVENS E AS FAMÍLIAS DO ASSENTAMENTO E COMUNIDADES, SINTO-ME COMPROMETIDO EM CONTINUAR O PROCESSO DESPERTADO PELO CURSO E AMADURECIDO PELAS DIFICULDADES E EXPERIÊNCIAS ADQUIRIDAS NO DECORRER DESTA TRAJETÓRIA DE ATUAR NA SAÚDE AMBIENTAL. SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE É POSSUIR TÉCNICAS E CONHECIMENTO COM TROCA DE SABERES PARA DOMINAR OS MEIOS, PARA PROPORCIONAR UM BOM AMBIENTE. A FORMAÇÃO EM SI NÃO É DE TODO IMPORTANTE. O IMPORTANTE SERÃO AS ATITUDES TOMADAS COM AS FAMÍLIAS DO TERRITÓRIO PARA VALIDAR E CONSOLIDAR ESTE PROCESSO FORMATIVO QUE ESTÁ SE FECHANDO. **EDILSON ANTONIO FAGUNDES DA COSTA** — ASSENTAMENTO CELSO FURTADO, QUEDAS DO IGUAÇU, PR. TRECHOS DE “CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

QUANDO MAIS DENTRO AFLORA

COLETIVOS DE SAÚDE

"A organização dos Coletivos de Saúde no MST ocorre para dar respostas concretas a situações de adoecimentos pelos enfrentamentos e conflitos das ocupações de terra. Com a necessidade de ampliação dos Coletivos a partir da organização dos assentamentos, as reivindicações se tornam mais complexas, exigindo novas formas de ação e organização, dentre elas os cursos no campo da saúde". (Depoimento de uma militante do Setor de Saúde do MST)

EDUCAÇÃO DO CAMPO

Para maior compreensão dessa concepção, que atravessa todas as ações do movimento para muito além dos cursos e escolas, sugerimos o "Dicionário da Educação do Campo" disponível no site da EPSJV: <http://www.epsjv.fiocruz.br/>

Ao adentrar neste tema, é importante lembrar que saúde é uma dimensão constitutiva da vida, por isso sua discussão no MST é um elemento que contribui para organizar, mobilizar e articular trabalhadores/as do campo. O lema do I Encontro Nacional de Saúde das Populações do Campo, Floresta e Águas, de dezembro de 2015 — *Saúde se Conquista com Luta Popular* — recuperou princípios do processo de construção do conceito ampliado de saúde da 8ª Conferência Nacional de Saúde (1988).

Para o MST, "a saúde é a capacidade de lutar contra tudo que nos oprime". Como parte da organicidade do Movimento, há o Setor Saúde — do qual fazem parte **Coletivos de Saúde**, como o *Coletivo Nacional* — organizado tanto nos acampamentos e assentamentos, como nos níveis estadual, regional e nacional. Vejamos, então, de que forma os processos do *Coletivo Nacional do Setor de Saúde do MST* contribuíram para o surgimento do Curso Técnico em Meio Ambiente/ CTMA.

As raízes desse processo no MST demandam uma visita ao movimento de construção da chamada *Educação do Campo*.

Nesse sentido, vale dizer: a concepção de *Educação do Campo* que o Movimento dos Trabalhadores/as Sem Terra vem construindo é bem mais abrangente que os processos de formação técnica ou profissional. Ela não perde de vista o projeto político e de mundo, no qual o fim dos latifúndios — seja o da terra, das riquezas, dos saberes, da ciência, da cultura, da comunicação, da saúde e tantos outros — pode servir como uma boa ilustração.

Um marco nessa construção, em relação à formação profissional dos/das camponeses/as, é o Instituto de Educação Josué de Castro – IEJC, situado em Veranópolis – RS. Esta escola segue sendo o laboratório de diversos cursos do Movimento, dentre eles os primeiros construídos com o Coletivo Nacional de Saúde a partir de 2002: os **Cursos Técnicos de Agente Comunitário de Saúde/CTACS**.

O processo desses Cursos, junto com as outras lutas e ações dos Coletivos de Saúde ao longo do país, impulsionou o Movimento a realizar diversos seminários em 2007, reescrevendo sua concepção, objetivos e **princípios de saúde**. O resultado desse processo está expresso no Boletim do Coletivo Nacional do Setor Saúde de dezembro de 2007, onde se aprofundam as relações entre campo/Reforma Agrária/produção de alimentos saudáveis/agroecologia/saúde. E ele ocorreu também em um momento em que o próprio MST estava refletindo profundamente sobre sua forma de organização em setores (educação, saúde, produção, entre outros), bem como buscando metodologias de organização mais integradas, chamadas na época, em alguns lugares, de *frentes de desenvolvimento das áreas*.

Esse conjunto de questões, junto com o processo de avaliação dos cursos existentes até aquele momento, levou à identificação das áreas de *Saúde Ambiental* e de *Vigilância em Saúde* como estratégicas. Os/as agentes formados/as pelo IEJC identificavam em seus TCC's (Trabalhos de Conclusão de Curso) que nessas áreas havia (e há) uma convergência entre *Reforma Agrária* e *saúde* e

que essas dimensões da saúde tinham/têm grande potencial de diálogo com as áreas de acampamento e assentamento – e reivindicavam, assim, que o Setor de Saúde aprofundasse essa dimensão através do debate da segurança alimentar, saneamento, formas de trabalho e produção de alimentos que não degradem o ambiente, os seres e as pessoas. Ou seja: propunham a articulação entre saberes e fazeres que parecem estar mais na mão da comunidade do que nos centros de saúde e hospitais, por exemplo.

Isso porque o agravamento do modelo de desenvolvimento neo-extrativista – expresso pelo agronegócio, barragens, mineração, perímetros irrigados – também colaborou para agudizar a pressão sobre o *processo saúde-doença* no campo e, ao mesmo tempo, reforçou a manutenção daqueles determinantes sociais da saúde vinculados às precárias condições de moradia, saneamento e acesso a políticas públicas sociais, em especial à assistência em saúde. Paralelamente, na *Vigilância em Saúde* e no âmbito da *Saúde Ambiental* foram desenvolvidos instrumentos de análise que podem preparar para ações importantes no sentido de defender os territórios, fortalecer a permanência neles e transformá-los numa perspectiva emancipatória.

CTACS

Os Cursos Técnicos de Agente Comunitário de Saúde foram as primeiras experiências de formação técnica de nível médio em Saúde do Campo desenvolvidas no Brasil. Somente no IEJC foram 5 turmas formadas no CTACS, além de outras turmas do mesmo curso desenvolvidas em alguns estados. Todas elas na modalidade de ensino médio integrado ao técnico.

PRINCÍPIOS DA SAÚDE DO MST

(1) Luta pela valorização da vida. (2) Acesso ao conhecimento e à informação. (3) Saúde como um dever do Estado. (4) Atenção integral à saúde. (5) Prioridade à promoção e à prevenção. (6) Respeito às diferenças culturais. (7) Fortalecimento das práticas populares de cuidado. (8) Saúde como uma conquista da luta popular.





ÁRVORE DA VIDA DO CTMA | *as raízes*

Reunião de articulação entre EPSJV e Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia-CEAGRO/MST-PR (2010)

Curso de Especialização Técnica em Políticas Públicas em Saúde para a População do Campo, pela EPSJV/FIOCRUZ e o MST: 24 trabalhadores/as rurais de 11 estados. Cooperação da EPSJV/Fiocruz e a SGEP do Ministério da Saúde (2010-2011)

Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e Pela Vida (lançada em abril de 2011)

Pesquisa “Determinantes Sociais da Saúde nos Territórios de Assentamento do MST: elementos para a elaboração de proposta em formação em saúde ambiental para a população do campo” (no CE e SC) pelo LAVSA (2009)

Curso de Especialização Técnica em Saúde Ambiental para a Pop. do Campo, promovido pela EPSJV/FIOCRUZ e o MST: 26 trabalhadores/as rurais de 10 estados (2008/2009). Cooperação da EPSJV/Fiocruz e a CGVAM do Ministério da Saúde

Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde — Instituto de Educação Josué de Castro-IEJC do MST — turmas no MA/BA/PR e 4 turmas nacionais (2003-2012)

Diagnóstico da Realidade Sanitária das Áreas de Assentamento e Acampamentos da Reforma Agrária/Campanha das Sementes (2001)

3 turmas MST em Práticas Alternativas em Saúde (RJ) (2006)

Início da cooperação técnica entre Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV e MST (2005)

Pesquisa MST/UnB — Diagnóstico de Saúde nos Territórios (2006-2007)

I Encontro Nacional de Educação na Reforma Agrária — ENERA (1997) e conquista do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária — PRONERA (1998)

2 turmas MST em Técnico em Enfermagem/PE (2004)

Constituição do Coletivo Nacional do Setor de Saúde do MST c/ representantes de 23 estados brasileiros (1998)

1a. ocupação MST e construção do Método organizativo. Objetivo: luta pela terra, pela Reforma Agrária, socialismo (1984)

Realização de 10 oficinas preparatórias do CTMA no Ceará, no Paraná e no Rio de Janeiro (2012)

Pesquisa "Estudo epidemiológico da população da região do Baixo Jaguaribe exposta à contaminação ambiental em área de uso de agrotóxicos" (2006-2008); sistematização e publicação do Almanaque do Baixo Jaguaribe, Núcleo Tramas/UFC (2010-2012)

Criação no SUS da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas/PNSIPCA através da Portaria No 2.866 (2011)

Encontro Nacional Diálogos e Convergências em Salvador-BA/Reunião EPSJV com Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde-SGTES do MS p/ apoio financeiro à proposta do CTMA (2011)

1ª Conferência Nacional de Saúde Ambiental (seminário preparatório sobre Saúde do Campo – setembro de 2010); reivindicação do MST à EPSJV para formação de 2 turmas do CTMA no CE e PR (2010) – encontro entre a EPSJV e Núcleo Tramas da UFC (2010)

*Início do Curso de Especialização *latu sensu* em Trabalho, Educação e Movimentos Sociais, cooperação da EPSJV com o MST e viabilizado através do PRONERA/INCRA (abril/2011)*

Projeto "Formação em Vigilância em Saúde Ambiental p/ População do Campo". Cooperação entre Coord.Geral Vigilância em Saúde Ambiental-CGVAM/Secretaria de Vigilância em Saúde-SVS/LAVSA/FIOCRUZ/Ministério da Saúde, que deu origem ao Curso de Especialização Técnica em Saúde (2008-2009)

I Oficina de Produção de Materiais Educativos do Setor de Saúde do MST c/ 21 estados brasileiros, resultando num Album Seriado e Cartilha (2000)

Apresentação e aprovação da proposta de texto da PNSIPCF no Conselho Nacional de Saúde (2008)

Criação do Grupo da Terra pelo Ministério da Saúde-MS composto por órgãos do Estado e entidades da sociedade civil relacionadas aos territórios camponeses (2004)

Produção do Caderno de Saúde No 1 do MST – "Lutar por Saúde é Lutar pela Vida" (1999)

Constituição do Sistema Único de Saúde-SUS/Leis Orgânicas da Saúde 8.080/90 e 8.142/90 (1990)

Constituição Federal Brasileira (1988) e Comissão Nacional de Reforma Sanitária-CNRS (1986-88)

8ª Conferência Nacional de Saúde (conceito de saúde articulado com acesso à terra)/Conferência de Ottawa (1986)

É importante também, para melhor contextualizarmos essas raízes, trazer à cena a articulação iniciada entre o *Setor de Educação do MST* (e o IEJC) e a Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio/EPJSJV, no ano de 2005. A **concepção educacional de politecnia** foi uma das motivações desse diálogo. Diálogo, vale ressaltar, potencializado pela existência de educadores/as da EPJSJV sensíveis às demandas apontadas pelo MST — que faz intensa reivindicação ao Estado, no sentido de cumprir o direito à educação de qualidade.

O Politécnico da Fiocruz, como também é conhecida a EPJSJV, foi criado em agosto de 1985, no contexto da efervescência das lutas sociais pela redemocratização do país e melhoria das condições de vida que também culminaram meses antes no surgimento do MST (em janeiro de 1984). A conquista do Sistema Único de Saúde (SUS) na constituinte de 1988 pelas forças sociais que se organizaram na agenda da Reforma Sanitária brasileira marca uma nova forma de pensar e fazer saúde no Brasil.

O Politécnico surge e se consolida, assim, ao longo de sua trajetória institucional para avançar na educação profissional em saúde, de nível básico e técnico em saúde, preferencialmente para trabalhadores/as do SUS. Tem na concepção de *politecnia* a base de seu projeto pedagógico.

O diálogo entre EPJSJV e Setor Nacional de Saúde do MST, entre 2006 e 2007, dá início à construção de dois processos formativos: o *Curso de Especialização Técnica em Saúde Ambiental para as Populações do Campo* (2008-2009) — e logo depois o *Curso de Especialização Técnica em Políticas Públicas de Saúde para as Populações do Campo* (2010-2011).

A primeira experiência de formação desenvolvida em conjunto — o *Curso de Especialização Técnica em Saúde Ambiental para as Populações do Campo* — foi realizado em cerca de 70% de sua duração no Centro de Formação Maria Olinda (CEFORMA), dentro de assentamento rural no Espírito Santo, e 30% na Fundação Oswaldo Cruz, no

POLITECNIA

A noção de politecnia, "como traduz Saviani (1987, 2003), postula que o processo de trabalho desenvolva, em uma unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais, pois são características intrínsecas e concomitantes no trabalho humano. A separação dessas funções é um produto histórico social e não é absoluta, mas relativa. Essas manifestações se separam por um processo formal, abstrato, em que os elementos predominantemente manuais se sistematizam como tarefa de um determinado grupo social. A ideia de politecnia implica uma formação que, a partir do próprio trabalho social, desenvolva a compreensão das bases de organização do trabalho de nossa sociedade. Trata-se da possibilidade de formar profissionais não apenas teórica, mas também praticamente num processo em que se aprende praticando, mas, ao praticar, se compreendem os princípios científicos que estão direta e indiretamente na base desta forma de se organizar o trabalho na sociedade".



Uma das melhores lustrações do trabalhador maquina, coisificado e fragmentado está no clássico "Tempos Modernos", de Chaplin.

Rio de Janeiro. Esta foi a experiência mais direta, embora não única, para construção do que é o foco desta sistematização: o *Curso Técnico em Meio Ambiente/CTMA*. Naquela experiência foram sistematizados os eixos centrais da formação, base do currículo que foi desenvolvido no CTMA.

Avaliou-se, então, a necessidade nessa nova experiência de avançar para um Curso Técnico reconhecido nacionalmente — o que abre maiores possibilidades de inserção profissional. Neste sentido, a construção de um Curso que promova condições de trabalho em territórios de Reforma Agrária com habilitação técnica em meio ambiente legitima a inserção de assentados e assentadas rurais e amplia os campos de atuação em *Saúde Ambiental*.

As demandas concretas das condições de vida das populações revelam a inter-relação saúde/produção de alimentos/saneamento ambiental como eixos estruturantes para enfrentamento dos determinantes sociais da saúde. O trabalho desenvolvido pelo Laboratório de Educação Profissional em Vigilância em Saúde/LAVSA em cooperação com o MST desde 2005 revelam uma caminhada de lutas até se chegar na atual experiência do CTMA.

O *Curso de Especialização Técnica em Políticas Públicas de Saúde*, nesse sentido, também foi importante para o que viria em seguida — tanto pelo tema como pelas articulações que proporcionou. Esse processo estreitou as relações com o chamado **Grupo da Terra**.

Aqui, então, entra um outro elemento importante desse processo: a formulação da *Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas* - PNSIPCA, que estava em pleno desenvolvimento por volta de 2006-2008, é apresentada e aprovada por unanimidade no Conselho Nacional de Saúde em agosto de 2008 e só chega a ser instituída no SUS no ano de 2011.

Essa Política tem sua origem em duas vertentes: de um lado, o Movimento da Reforma Sanitária no Brasil, cujo marco é a realização da **8ª Conferência Nacional de Saúde** em 1986; e, de outro, posteriormente, as próprias reivindicações e experiências desenvolvidas pelos movimentos sociais por uma *Saúde do Campo* digna e coerente com o que estabelece a Constituição Federal Brasileira de 1988 — movimentos entre os quais se destaca a própria atuação do MST e de seu Coletivo de Saúde.

GRUPO DA TERRA

O Grupo da Terra foi criado pelo Ministério da Saúde em 2004 com a finalidade de:

I – participar da formulação, implantação e acompanhamento da Política de Saúde para as Populações do Campo, da Floresta e das Águas;

II – articular e monitorar a implementação das ações dos acordos oriundos das pautas de reivindicações negociadas entre o Ministério da Saúde e os movimentos sociais organizados no campo; e

III – participar das iniciativas intersectoriais relacionadas à saúde da população do campo.

É composto por representação de todas as Secretarias do Ministério da Saúde, além de instituições vinculadas (FUNASA, ANVISA e FIOCRUZ) e dos Governos Estaduais e Municipais representados através do CONASS e CONASEMS. Representavam a Sociedade Civil Organizada: CONTAG, MST, MMC, Marcha das Margaridas, CONAQ e o CNS. Com o passar dos anos a composição do Grupo da Terra foi ampliando a participação de organizações da sociedade civil.

8ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE

“Em seu sentido mais abrangente, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. É, assim, antes de tudo o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. [...] A saúde não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento, devendo ser conquistada pela população em suas lutas cotidianas.” (CNS, 1986, p. 04)

Vale a pena também — para melhor compreender e para nos fazer refletir sobre quão profundas são às vezes as raízes para que alguns frutos sejam possíveis — lembrar que no texto da 8ª Conferência Nacional de Saúde (1986) há já a menção ao acesso e posse da terra como um dos elementos ou condicionantes de saúde.

Quando chamamos a atenção para esse fato é na intenção de dizer que na conquista e institucionalização dos marcos do SUS, a Lei 8.080/90 não incorpora, no texto referente ao tema da saúde, esse aspecto do acesso e posse da terra.

E o que isso significa?

Essa lacuna na Lei Orgânica de Saúde não deixa de ser consequência de uma pressão dos setores mais conservadores da sociedade para que o aspecto do acesso e posse da terra não estivesse vinculado, pelo menos de forma explícita, ao direito à saúde.

Assim, só em 2008 é que a partir das lutas e mobilizações, bem como da participação dos movimentos sociais no Grupo da Terra, se aprova a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas/PNSIPCFA — na qual o tema da *Saúde do Campo* volta a ganhar lugar junto ao Ministério da Saúde na qualidade de direito e não de ação emergencial ou de assistência.

O hiato, porém, existente entre o período de promulgação da Constituição Federal (1988) ou das Leis Orgânicas da Saúde (1990) e a aprovação da PNSIPCFA evidencia o modelo de desenvolvimento imposto ao campo (agronegócio, agrotóxicos, monocultivos), cujas consequências resvalaram também para o aspecto da saúde.

Na contramão desse fato, temos que o LAVSA abrigou na EPSJV a construção do CTMA a partir de sua importância para a dimensão de formação da *juventude do campo* para atuação no campo.

Isso significou uma série de articulações e de negociações, a envolver desde o Ministério da Saúde em Brasília, o Núcleo Tramas da UFC

no Ceará, o Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia/CEAGRO e da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) no Paraná, tendo como base o trabalho da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV e como razão de ser os movimentos sociais do campo, em especial o MST.

Todo esse conjunto de diálogos e articulações torna evidente, dessa forma, que qualquer separação entre o que seja construção do MST, da EPSJV e/ou de outros parceiros não diz respeito a como aconteceu esse processo — que sempre se deu de modo coletivo, o que não significa dizer numa relação igual ou sem disputas. Coletivo, aqui, traduz uma dinâmica que é parte dos aprendizados do CTMA, anos antes mesmo dele acontecer nos territórios, impactando internamente todas as instituições e organizações envolvidas nesse processo e nessa construção.

Encerrando momentaneamente esse nosso passeio pelas raízes do CTMA, diremos que para o MST a escolha de uma turma no Ceará e outra no Paraná se deveu à necessidade de proporcionar maior acesso aos/às educandos/as do Nordeste e do Sul — em estados que tinham, no momento da realização do Curso, coletivos bastante organizados e instituições de ensino parceiras (Núcleo Tramas da UFC/CE e UFFS/PR).

Para a EPSJV, por sua vez, disponibilizar pessoal, recursos e esforços significou e significa a continuidade de um longo e consistente processo que tem nas populações rurais mais do que um objeto de estudo mas, antes, sujeitos de direitos, protagonistas centrais, no que diz respeito aos temas da *Saúde*, da(s) *Juventude(s)* e da *Educação do Campo*.

DURANTE 1 ANO E 3 MESES, POSSO DIZER QUE MUDEI MUITO. LEVO NA BAGAGEM EXPERIÊNCIAS QUE SÓ O CURSO ME PROPORCIONOU, CONHECIMENTOS PRÁTICOS E TEÓRICOS E A PREPARAÇÃO PARA QUE SEJAMOS TÉCNICOS QUE VAMOS FAZER A DIFERENÇA DENTRO DO NOSSO TERRITÓRIO. ASSUMIR AS RESPONSABILIDADES NO COLETIVO, SABER ACEITAR AS DECISÕES COLETIVAS, ISSO ME FEZ CRESCER COMO SER SOCIAL, POLÍTICO — E ISSO REFLETE NA MINHA POSTURA COMO MILITANTE E AMOR E RESPONSABILIDADE COM O MEU MOVIMENTO, MST. ESSE CURSO NÃO PODE PARAR APENAS NESSAS DUAS TURMAS. EU, ENQUANTO CAMPONESA E FILHA DE CAMPONESES, DIRIA PARA OUTROS JOVENS DE ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA OU NÃO, A IMPORTÂNCIA E O COMPROMISSO QUE NÓS JOVENS TEMOS COM O NOSSO POVO E COM AS NOSSAS TERRAS. A IMPORTÂNCIA DE JOVENS NO CAMPO APROFUNDAREM SEUS CONHECIMENTOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE NOVA. A PREPARAÇÃO PARA INTERVIR NOS PROBLEMAS DE NOSSA COMUNIDADE. O CURSO ME PROPORCIONOU NOVAS EXPERIÊNCIAS, QUE ME AJUDARAM A VER DE OUTRAS FORMAS OS PROBLEMAS ATUAIS NA SOCIEDADE E COMO AGIR DIANTE DELES.”

RANIELI ALVES — ASSENTAMENTO DOIS DE MAIO, TAMBORIL, CE.
TRECHOS DE “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

O CONHECIMENTO EM RELAÇÃO À SAÚDE AMBIENTAL NUMA COMPLEXIDADE MAIOR FOI UM GRANDE SALTO NAS APRENDIZAGENS. O FUNCIONAMENTO DO SUS, OS DIREITOS, AS LEIS (CÓDIGO FLORESTAL), O MODO DE PRODUÇÃO, AS RELAÇÕES HOMEM-NATUREZA, ENFIM, UMA SÉRIE DE ELEMENTOS DURANTE TODO O CURSO E QUE TODOS ESTÃO RELACIONADOS À SAÚDE, PORÉM VAI ALÉM DO REMÉDIO. POR ISSO O DESAFIO DE CONTINUAR ESTUDANDO E TAMBÉM COLOCANDO EM PRÁTICA OS APRENDIZADOS PARA MELHOR APERFEIÇOAMENTO, TENDO A AGROECOLOGIA COMO PONTO-CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO. OS CONHECIMENTOS TÉCNICOS OFERECIDOS PELOS EDUCADORES POPULARES, OS ESTÁGIOS COM PROFISSIONAIS NAS MAIS DIVERSAS ÁREAS PROPORCIONOU A PRÁXIS MILITANTE. ENTENDENDO QUE CONHECER UM DETERMINADO "OBJETO" NUMA AMPLITUDE MAIOR, COM TEORIA E PRÁTICA E SER CRÍTICO AO OLHAR O SEU ENTORNO, FAZ COM QUE SEJAMOS TÉCNICOS MILITANTES POLITICAMENTE PREPARADOS. NÃO HÁ COMO NEGAR QUE O DESAFIO É GRANDE E SOMOS TÃO POUCOS. E QUE VIVEMOS EM UM MOMENTO EM QUE A DISPUTA DE DOIS PROJETOS NA SOCIEDADE — AGRONEGÓCIO E AGROECOLOGIA — É ACIRRADA. MAS É POSSÍVEL, A PARTIR DO MOMENTO EM QUE ESTOU CONVICTA DO QUE QUERO E A QUE CLASSE PERTENÇO, SABER INTERVIR NA REALIDADE, RESPEITANDO AS DIFERENÇAS EM TODOS OS ASPECTOS E, JUNTOS, CONSTRUIR O NOSSO PROJETO DE VIDA QUE INCLUA E RESPEITE TODOS. **SIRLENE ALVES MORAIS** — ASSENTAMENTO GUANABARA, IMBAÚ, PR. TRECHOS DE "CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO" AO FINAL DO CTMA, 2013.



SABER A PARTIR DOS TERRITÓRIOS

Para ajudar o leitor e a leitura deste Fascículo a compreender os esforços empreendidos no sentido da construção desta experiência, é importante compartilhar que antecedendo todo o processo de imersão nos dois territórios (Ceará e Paraná) foram necessárias dez (10) reuniões de preparação: no Ceará, no Paraná e no Rio de Janeiro.

Nessas reuniões se compartilhou o orçamento do projeto, se definiu o currículo, os objetivos do CTMA, as disciplinas, a forma de gestão, o perfil da secretaria — e, importante, se definiu que o Curso aconteceria nos territórios da Reforma Agrária, ou seja, em assentamentos do MST.

Essa definição, que dita assim parece muito simples, implica uma infraestrutura que só mesmo traduzindo em números se pode, aproximadamente, ter uma ideia. Vejamos...

- » Foram mais de 120 dias imersos em cada um dos territórios, o que significa 650 horas de *tempo-escola* complementados com 155 horas de tempo-comunidade, mais 26 dias de estágio em cada uma das turmas.
- » Foram abertas inicialmente 50 vagas para cada uma das turmas. No total foram formados 55 técnicos, sendo 33 no Ceará e 22 no Paraná — estudantes estes/as que ficaram fora de suas casas durante 31 dias contínuos, em 4 etapas de *tempo-escola* no intervalo de um 1 ano e 4 meses.
- » Foram mais de 70 educadores/as, facilitadores/as nos dois territórios, o que implicou um deslocamento, no Ceará, a cada três dias, de cerca de 184 km entre a cidade de Fortaleza e o município de Madalena e, no Paraná, no caso de alguns educadores/as, de 378 km entre a cidade de Curitiba e o município de Rio Bonito do Iguaçu, onde se localiza o CEAGRO — quando isso não significou também alguma ponte aérea entre a cidade-destino desse educador/a ou facilitador/a e a capital correspondente a cada um desses territórios.
- » Foram 22 pessoas na CPP do CTMA, algumas trabalhando nos dois territórios concomitantemente, o que significou inclusive uma sobrecarga para essa CPP tanto do ponto de vista pessoal como também profissional — sobrecarga que os/as então estudantes do Curso também compartilhavam, tendo em conta os rituais diários de aprendizagem, que iam da hora em que se despertava à hora de adormecer.
- » Foram 45 entidades e instituições mobilizadas para que toda a estrutura montada pudesse funcionar a contento, o que envolvia desde a produção ou o transporte de alimentos, de medicamentos, de material de estudo, de pessoas, de material de limpeza, de material de escritório, enfim: uma baita de uma infra!
- » Foram 2 turmas em 2 contextos socioambientais completamente diferentes: o Semiárido cearense e o Centro-Oeste paranaense — o que significa que longe de haver alguma “receita” na forma de conduzir os processos, foi necessária uma grande *presença de espírito* para responder a cada um dos desafios postos com a atenção e o cuidado necessários demandados por cada caso em específico.

Diante disso tudo, a pergunta que não quer calar é: **por que, então, realizar o CTMA nos assentamentos de Reforma Agrária do MST?** Pois muito mais fácil seria lançar mão das parcerias com as universidades, por exemplo, e poder ter estudantes do campo interagindo com estudantes dos centros urbanos e com bem menos infraestrutura necessária.

Para responder a essa questão, a gente precisa fazer um rápido passeio pelo que têm sido os grandes desafios de viver no campo, ou nos territórios rurais, hoje.

De um lado, temos tido, pelo menos desde a década de 1960, incentivos a um tipo de agricultura que consome muitas terras, muitas riquezas naturais, muitos agroquímicos (com especial destaque para a utilização de agrotóxicos, sendo o Brasil considerado o maior mercado desses produtos desde 2008).

Para que se tenha ideia do que isso significa — e do quanto os sucessivos governos vêm incentivando a prática desse tipo de consumo para a produção de alimentos —, em 1975, durante o governo (de ditadura) militar se elaborou um “Plano Nacional de Defensivos Agrícolas”. “Defensivos”, a gente nem precisa mas vai dizer, é um modo eufemístico ou ameno de denominar os venenos com que se inundou os campos brasileiros, a partir de políticas em que se aliava a concessão de crédito (em primeira instância, só para os médios e grandes produtores) ao pacote tecnológico que incluía os agrotóxicos e,

como consequência, práticas nada sustentáveis.

No que diz respeito à Reforma Agrária, os também sucessivos governos vêm protelando, adiando, dificultando, quando não forjando dados para mascarar o fato de que um país continental como o Brasil nega terras para aqueles e aquelas que verdadeiramente produzem a riqueza do país.

Esse fato se dá em paralelo com outro: o da apropriação, por parte de grandes empresas (nacionais e transnacionais atualmente), de enormes extensões de terra para cultivo de monoculturas — significando, na prática, a expulsão ou expropriação (o termo mais correto na verdade é *desterritorialização*) de populações que, historicamente, vivem da sua relação com a natureza, seja nas formas de pescar, plantar, realizar manejos, dentre outras, gerando *concentração de terra* e de riqueza.

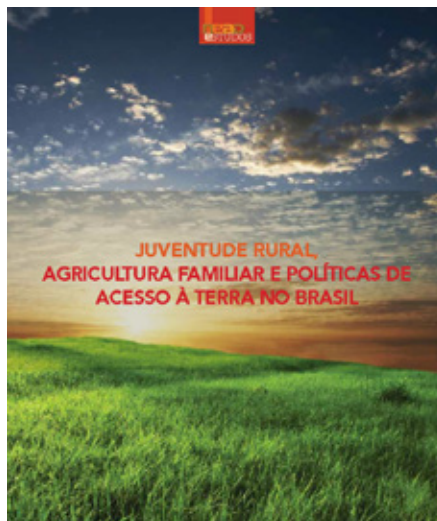
Não bastasse isso, o território brasileiro vem sendo escaneado, do ponto de vista de suas riquezas naturais, por governos, empresas e por interesses que extrapolam as fronteiras do país, no sentido da implementação de grandes projetos de mineração, transposição, estradas de ferro, parques eólicos, hidrovias, entre muitos outros, que impactam profundamente a forma de ser, viver e produzir do povo brasileiro.

Esse impacto é imenso — e se torna ainda maior para trabalhadores e trabalhadoras rurais, estejam eles/as nas áreas rurais ou urbanas. E se falamos de áreas urbanas para trabalhadores/as rurais é por conta de que uma das consequências mais visíveis de toda

essa política de desenvolvimento praticada há décadas tem sido a migração campo/cidade: os centros urbanos hoje concentram mais pessoas que as áreas rurais. Isso tem tornado a qualidade de vida praticamente impossível, sobretudo para aqueles e aquelas que não acessam seus direitos de forma digna (saúde, educação, trabalho, moradia...) — que são uma maioria!

A pesquisa publicada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário — *Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil* — reconhece que acesso à terra e à educação são as principais causas do êxodo rural nos últimos anos, principalmente de jovens.

"Há muito mais pessoas sem instrução ou com apenas o nível fundamental incompleto na área rural do que nas cidades. Para todos os demais níveis de escolaridade, os jovens das cidades estudam mais do que os jovens no campo".



PESQUISA MDA

Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013. Disponível no link <http://e.eita.org.br/juventuderural>

Dados do Censo Escolar, do Ministério da Educação, revelam que entre 2003 e 2013 foram fechadas 32.500 escolas no campo. Apenas em 2014 fecharam outras 4.084. O fechamento das escolas é precedido de precarização das condições de ensino e está associado ao aumento dos riscos no deslocamento de crianças que passam a estudar longe de suas casas (onde a falta de transporte com segurança não é raridade), acelera a evasão escolar, impede a participação das crianças na comunidade e contribui para o abandono das famílias do campo.

O fechamento das escolas do campo é resultado do avanço do modelo de desenvolvimento do agronegócio, opção de sucessivos governos, em que se pensa um campo sem gente, sem cultura, sem escola, sem educação.

Nesse sentido, uma iniciativa muito importante é ocupar os espaços de formação existentes com experiências que for-

taleçam a *Educação do Campo*. Esta também é uma das razões que nos motivaram a levar o CTMA para dentro das áreas de Reforma Agrária, na Escola João Sem Terra e no CEAGRO.

Aqui é preciso ter muito em conta que quando falamos em *concentração de terra* isso significa *concentração de renda*. E quando se fala de concentração de renda, se está a tratar da desigualdade no Brasil. Desigualdade que se expressa nessa relação: ampla disponibilidade de terras (não nos esqueçamos que somos um país de dimensões continentais: 8.514.576,599 km²!) que possibilita a expansão de culturas degradadoras rapidamente e a baixos custos, a partir da qual se gera a chamada "competitividade", que tem como base os desmatamentos ou substituição de áreas de produção de alimentos para implantação de monoculturas.

Como se pode ver, é uma relação desvantajosa para quem vive *no campo e do campo*. E se isso não fosse o bastante, ainda temos que, em termos de políticas públicas, os recursos pendem para o lado dos que detêm mais recursos! Se não, como explicar que no Plano Safra de 2014/2015 o governo destinou R\$ 156,1 bilhões para o agronegócio e apenas R\$ 24,1 bilhões para a agricultura familiar?



FECHAMENTO DE ESCOLAS

Neste cenário de violação do direito constitucional à educação básica, o MST lançou a campanha "Fechar Escola do Campo é Crime!". Acesse mais informações na matéria "Brasil fecha, em média, oito escolas por dia na região rural", publicada pela Folha de São Paulo. Link: <http://e.eita.org.br/censoescolar>



Por outro lado, quando pensamos em *Saúde* e *Saúde do Campo*, temos um contexto um tanto adoecido. Porque se consideramos Saúde de forma ampliada, temos que ter em mente o impacto de três (3) determinantes socioambientais que podem recair e se concentrar justamente sobre as populações que vivem em piores condições de vida, o que inclui acesso aos serviços de saúde e a capacidade do SUS em responder de forma resolutiva:

- (1) o saneamento ambiental;
- (2) o contato direto ou indireto com produtos ou subprodutos do processo produtivo, seja poluentes ou advindos do desenvolvimento industrial;
- (3) os efeitos da chamada globalização ou, dito de outro modo, da crise ambiental.

E o que se vê, quando se olha hoje para os territórios onde se encontram as populações do campo? Tantos impactos do modelo de desenvolvimento em curso no país que, em 2010, durante a *I Conferência Nacional de Saúde Ambiental/CNSA*, um grande número de pessoas votou a seguinte proposição:

“Mudança no modelo de desenvolvimento econômico de modo a promover a qualidade de vida e a preservação do ambiente, e a saúde desta e

das futuras gerações com a proteção da agrobiodiversidade e da biodiversidade urbana e rural, visando à sustentabilidade socioambiental responsável.” (Relatório da I CNSA, 2010, p.52)

Nesse sentido, a importância de fazer um CTMA nos territórios se deve tanto ao fato da I CNSA apontar a necessidade de *formação em Saúde Ambiental para agentes de Saúde do Campo* quanto pelo de que a experiência resultante da parceria entre EPSJV e o MST apontavam para a *articulação das dimensões do trabalho, da saúde, do ambiente, do território e da educação* num mesmo processo. Não é à toa que:

“A estrutura curricular do Curso Técnico em Meio Ambiente, voltado para a população do campo, busca formar trabalhadores/as rurais para a identificação e enfrentamento dos principais determinantes sociais da saúde das populações do campo e guarda coerência com a PNSIPCFA e com as diretrizes sistematizadas no relatório da I CNSA, que se pautam pela busca de qualidade de vida para essas populações.” (Plano de Curso de Educação Profissional de Nível Técnico em Meio Ambiente/Fiocruz-EPSJV, 2012)



tronco da ÁRVORE VIDA

DEFINIÇÕES INICIAIS

- Carga horária 960h (800h TP +160E)
- 4 etapas de tempo-escola + 32 dias estágio
- Inserção nos territórios: Escola João Sem Terra/CE e Ceagro/PRPrincípios

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

- Acompanhamento Político e Pedagógico
- Práticas de Campo
- Caderno-Reflexão

BASES

- Método Pedagógico do MST
- Politecnia
- Trinômio de Base da Vigilância em Saúde/EPSJV: INFORMAÇÃO, DECISÃO e AÇÃO

MÓDULOS

POLÍTICA, TRABALHO, CIÊNCIA E CULTURA

PRODUÇÃO DE AMBIENTES SAUDÁVEIS

PLANEJAMENTO

TCC E FORMATURA

IV EIXO

Produzindo e sistematizando conhecimento, saberes e práticas para a promoção de territórios saudáveis

4º TEMPO-ESCOLA

- Habitação rural e habitação saudável
- Caravana do Oeste Paranaense
- Vivência de integração curricular no Assentamento Maceió – CE
- Projeto-Piloto de Horta Mandala e Círculo de Bananeiras – PR
- Fechamento do Diagnóstico das condições de vida e de situação da saúde ambiental do território em estudo

3º TEMPO-COMUNIDADE

III EIXO

Das ameaças à promoção da vida

3º TEMPO-ESCOLA

- Caravana na Chapada do Apodi – CE
- Tenda Josué de Castro na Jornada de Agroecologia – PR
- Alternativas de convivência com o semi-árido na Escola João Sem Terra/CE
- Trabalho de Campo: aprofundando a análise para intervenção
- Estágio na ATER

2º TEMPO-COMUNIDADE

II EIXO

Das ameaças à promoção da vida

2º TEMPO-ESCOLA

- SUS e Saúde do Campo
- Análise de agroecossistemas
- Oficina de Fotografia
- Oficinas de Energias Renováveis
- Trabalho de Campo: analisando os dados para identificar desafios, ameaças e potencialidades
- Estágio no SUS

1º TEMPO-COMUNIDADE

I EIXO

Ontem e hoje, nossa terra: o território na América Latina

1º TEMPO-ESCOLA

- Território, Produção e Saúde
- Relação ser humano-natureza-sociedade e saúde
- Gestão de bacia hidrográfica e manejo das águas
- Oficina Literatura de Cordel
- Trabalho de Campo: (re)conhecendo nossos territórios



A potência, pois, da proposta do CTMA está basicamente no mergulho nos territórios da Reforma Agrária e em acreditar no protagonismo de todos os envolvidos, enquanto indivíduos e enquanto coletivos.

Importa dizer que a(s) juventude(s), as mulheres e homens do campo, enfrentam muitas dificuldades — e um Curso não tem condições de dar soluções a todas elas. O CTMA, no entanto, possibilitou conhecer algumas, e com alguma profundidade.

Aí, portanto, está outra importância da *territorialização* do Curso: profissionais envolvidos em instituições públicas de ensino, ao mergulharem nos territórios, compreendem melhor a vida no campo, naquelas regiões: sua potência, seus desafios — e têm maiores possibilidades de acertar no desenvolvimento do Curso. Ao participarem de uma experiência pedagógica que reflete o tempo todo sobre princípios e valores, são provocados a se questionarem sobre suas vidas, sobre suas contribuições nas lutas da sociedade. Todos/as estão em formação, não apenas no âmbito de suas atuações enquanto docentes, mas no que diz respeito à formação humana — com todas as suas contradições, inerentes ao processo.

Deu para compreender agora porque, mesmo com uma trabalhadora danada, foi imprescindível realizar o CTMA no Ceará e no Paraná nos territórios da Reforma Agrária? Vamos, então, ter uma ideia de quantos territórios foram envolvidos nesse processo, a partir da origem de educandos e educandas, que ao final de 2013 se tornaram Técnicos/as em Meio Ambiente — passando, primeiro, pela copa da árvore da vida do CTMA para chegar de fato aos territórios.

O CURSO ME TRANSFORMOU DE DIFERENTES FORMAS. ANTES DO CURSO, TINHA UMA VISÃO MUITO FECHADA A TEMAS POLÍTICOS, POR EXEMPLO. DEBATIA SOBRE CERTOS TEMAS MAS NÃO LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO A QUESTÃO DO DEBATE POLÍTICO. OUTRO PONTO FOI QUE O CURSO ME ABRIU VÁRIAS PERSPECTIVAS, NO QUE QUERO ESTAR ATUANDO. OUTRA QUESTÃO EXTREMAMENTE IMPORTANTE FOI COMO AUMENTEI O MEU VÍNCULO COM O MST: AS MÍSTICAS, O DEBATE POLÍTICO, OS SENTIMENTOS ENVOLVIDOS NESSES MOMENTOS — QUANTAS E QUANTAS VEZES ME EMOCIONEI, PASSEI A ENXERGAR A IMPORTÂNCIA DO MST COMO SUJEITO QUE LUTA POR UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA. COM RELAÇÃO AO TEMA AMBIENTAL, ESTE SEMPRE ESTEVE PRESENTE EM MINHA VIDA. SEMPRE GOSTEI DE ESTUDAR ECOSSISTEMAS, CONHECER OS DIFERENTES CICLOS NATURAIS ETC. ATRAVÉS DO CURSO PUDE VER QUE ESSE TEMA É MUITO MAIS ABRANGENTE, ALÉM DE PRIMORDIAL NO CONTEXTO HISTÓRICO E PARA A VIDA. A ÁREA DA SAÚDE, JUNTAMENTE COM A AGROECOLOGIA E O SANEAMENTO, FORMAM UM PILAR, QUE CONSIDERO COMO A BASE PARA A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS SAUDÁVEIS E DE PROMOÇÃO DA SAÚDE. SER TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS É, ANTES DE TUDO, UM GRANDE DESAFIO, POIS IREMOS NOS DEPARAR COM DIFERENTES REALIDADES, UMAS BOAS, OUTRAS NEM TANTO, MAS ESSE CURSO NOS DÁ CAMINHOS PRA ENCARAR TODOS OS DESAFIOS. **PEDRO HIGO FELIPE FEIJÃO** — ASSENTAMENTO 25 DE MAIO, PAUS FERRO, MADALENA, CE. TRECHOS “CARTA DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

A MINHA INSERÇÃO NESTE CURSO MUDOU MINHA HISTÓRIA DE VIDA. DE VÁRIAS FORMAS ME CAPACITOU COMO TÉCNICA E MILITANTE. MUDOU MEU ENVOLVIMENTO COM O MOVIMENTO QUE FAÇO PARTE, ATRAVÉS DESTE PASSEI A PARTICIPAR DE REUNIÕES E DISCUSSÕES COM A BASE. PARA MIM, MEIO AMBIENTE ERA AS ÁRVORES E O CUIDADO DE PLANTÁ-LAS, MAS AGORA PUDE DESCOBRIR QUE ESTÁ RELACIONADO A TUDO EM NOSSA VOLTA, À NOSSA SAÚDE, À NOSSA CASA, À NATUREZA EM GERAL. HOJE O QUE ME MOTIVA EM CONTINUAR ATUANDO COM O TEMA É, POR VÁRIOS MOTIVOS, COMO AJUDAR AS FAMÍLIAS CAMPONESAS — QUE SAÚDE NÃO SÓ VEM DOS POSTOS DE SAÚDE, COM REMÉDIOS E, SIM, PELA PREVENÇÃO DE DOENÇAS, COM QUE TEMOS NO ENTORNO DE NOSSAS CASAS. DEPOIS QUE TIVE CONTATO COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE PUDE VER AS SUAS DIFICULDADES EM CUIDAR DO MEIO AMBIENTE E SABER O QUE É SAÚDE AMBIENTAL. TÉCNICO É DIALOGAR COM AS FAMÍLIAS CAMPONESAS, AJUDÁ-LAS EM SUA PROPRIEDADE, SEUS MANEJOS DIÁRIOS, OS SEUS DIREITOS, A RELAÇÃO DO SANEAMENTO QUE TEM QUE TER NA VILA RURAL POR DIREITO. SÓ COM AS PEQUENAS PESQUISAS QUE FORAM FEITAS JÁ ABRIU A MENTE DAS COMUNIDADES EM RELAÇÃO À SAÚDE E MEIO AMBIENTE. ESSA FORMAÇÃO É DE EXTREMA IMPORTÂNCIA PARA AS COMUNIDADES.

EDIANE APARECIDA BUSTO — ASSENTAMENTO IRENO ALVES, RIO BONITO DO IGUAÇU, PR. TRECHOS DE “CARTAS DA MINHA EXPERIÊNCIA DO CURSO” AO FINAL DO CTMA, 2013.

a copa



AS TURMAS-TERRITÓRIOS



Há duas cenas que retratam bem o que significou lidar com turmas de estados com perfis tão diferentes quanto o Ceará e o Paraná durante o CTMA.

Imaginemos, de um lado, o *sertão* — historicamente retratado como terra infértil, improdutiva e de sofrimento, hoje reconhecido, a partir de iniciativas da sociedade civil e dos movimentos sociais, como território com plenos potenciais, como o comprovam as experiências de *Convivência com o Semiárido*. Estas têm nas tecnologias sociais (as cisternas de placa, de enxurrada, calçadão, bem como os quintais produtivos e os sistemas agroflorestais) e no envolvimento de mulheres e das juventudes nos processos de produção para além dos de reprodução, uma expressão e uma afirmação da vida.

Nesse território vamos encontrar o município de Madalena, do qual dista aproximadamente

20km a comunidade de Quietão II no Assentamento 25 de Maio do MST (a primeira conquista e o maior assentamento do MST do CE), onde fica a Escola João dos Santos de Oliveira conhecida como *Escola João Sem Terra*. É nessa escola e nesse território, num contexto de grande estiagem, que se deu a 1ª Etapa do CTMA no Ceará, de setembro a outubro de 2012. Tempo quente, de calor e sol ardente.

Fazendo a ponte aérea, temos o Estado onde ocorreu, em 1984, o *Encontro Nacional dos Sem Terra* — e que deu origem ao MST. O Paraná é palco de muitas lutas e conquistas do Movimento.

Ali se encontra o município de Rio Bonito do Iguazu, no Assentamento Ireno Alves (um dos maiores assentamentos da Reforma Agrária do país), que faz parte de um conjunto de assentamentos naquela região do Cantuquiriguaçu (PR).



Os assentamentos Ireno Alves e Marcos Freire têm sua origem na ocupação de Salto Santiago, próximo à Foz do Iguaçu, ocorrida em 17 de abril de 1996 — a maior realizada na América Latina, na qual cerca de três mil famílias (12.000 pessoas) foram mobilizadas, dando origem a esse complexo que modificou completamente não só as suas vidas como a de toda a região.

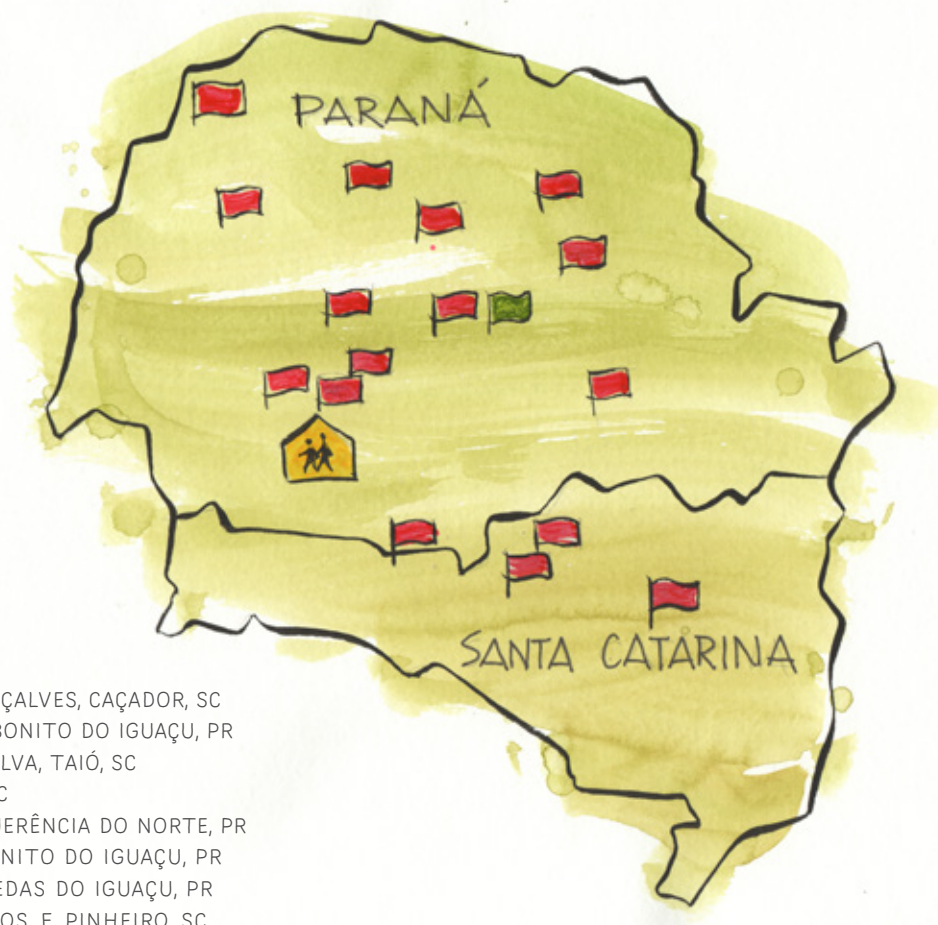
Região da Mata de Araucária, onde a partir do acampamento denominado *Buraco* se gestaram e se desenvolveram, entre muitas outras, experiências de *Agroecologia* e *Educação do Campo* que servem de referência para o país inteiro, em termos de Movimento — dentre as quais o *Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia/CEAGRO*, que abrigou o CTMA no Paraná, o *Colégio Estadual Iraci Salete Strozack*, escola-base das escolas itinerantes do Paraná e

que contribui de diferentes formas com o CTMA, e a *Universidade Federal da Fronteira Sul / UFFS*, parceira do Curso, que tem sua sede no município de Laranjeiras do Sul, também num assentamento de Reforma Agrária do MST (Assentamento Oito de Junho).

Quando, depois do início dos trabalhos no Cerará, a equipe da Coordenação Político-Pedagógica/ CPP do CTMA, comum aos dois estados, chega para a 1ª Etapa, entre outubro e novembro de 2012, chovia muito e fortemente. Vegetação verde, tempo frio, muita água.

Desses ambientes de sol e de chuva, de calor e frio, de vegetação da caatinga no Nordeste e das matas verdes do Sul/Sudeste, procedem os/as então estudantes do Curso Técnico em Meio Ambiente/CTMA nos dois estados. Vamos conhecê-los um pouco mais?

“A gente veio com essa perspectiva de ter uma renda, de continuar estudando e de contribuir com o assentamento. O CTMA foi muito bacana pra gente ter uma perspectiva de vida no campo, afinal é onde está as raízes da gente. E tirou a ideia do ensino tradicional – a gente teve formação política, isso do coletivo, os estágios, VERSUS, ATER, vivência prática, e o que resta é bastante saudade do tempo do CTMA.” Thiago Gonçalves de Sousa / TMA – Assent. Celso Furtado, Quedas do Iguaçu, PR. Depoimento durante a sistematização, 2014.



TERRITÓRIOS

- ASSENTAMENTO ERMÍNIO GONÇALVES, CAÇADOR, SC
- ASSENT. MARCOS FREIRE, RIO BONITO DO IGUAÇU, PR
- ASSENT. MIGUEL FORTES DA SILVA, TAIÓ, SC
- ASSENT. GUANABARA, IMBAÚ, SC
- ASSENT. MARGARIDA ALVES, QUERÊNCIA DO NORTE, PR
- ASSENT. IRENO ALVES, RIO BONITO DO IGUAÇU, PR
- ASSENT. CELSO FURTADO, QUEDAS DO IGUAÇU, PR
- ASSENT. FAXINAL DOS MINEIROS, F. PINHEIRO, SC
- ASSENT. SANTA RITA DE CÁSSIA, PEABIRU, PR
- ASSENT. MAILA SABRINA, ORTIGUEIRA, PR
- TERRIT. FAXINAL SAUDADE SANTA ANITA, TURVO, PR
- ASSENT. NOVO PARAÍSO, BOA VENTURA DE S. ROQUE, PR
- ASSENT. NOSSA SENHORA APARECIDA, MARILUZ, PR
- ASSENT. CONQUISTA CAMPONESA, LARANJAL, PR
- ASSENT. PUTINGA, CALMON, SC
- ASSENT. OITO DE ABRIL, JARDIM ALEGRE, PR
- ASSENT. CONQUISTA DO HORIZONTE, PASSOS MAIA, SC



CEAGRO



MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA



ARTICULAÇÃO PUXIRÃO DOS POVOS FAXINALENSES



A TURMA JOSUÉ DE CASTRO (PR)

A turma do CTMA-PR foi composta basicamente por jovens, advindos/as dos assentamentos da Reforma Agrária. Do total de 23 educandos/as que se formaram, apenas um não faz parte deste público — sua origem é dos Povos Faxinalenses, comunidades tradicional de pequenos/as agricultores/as, onde vivem famílias em terras coletivas, em sistema de produção organizado em agroflorestas, não existindo a propriedade da terra mas, sim, a posse por todos/as.

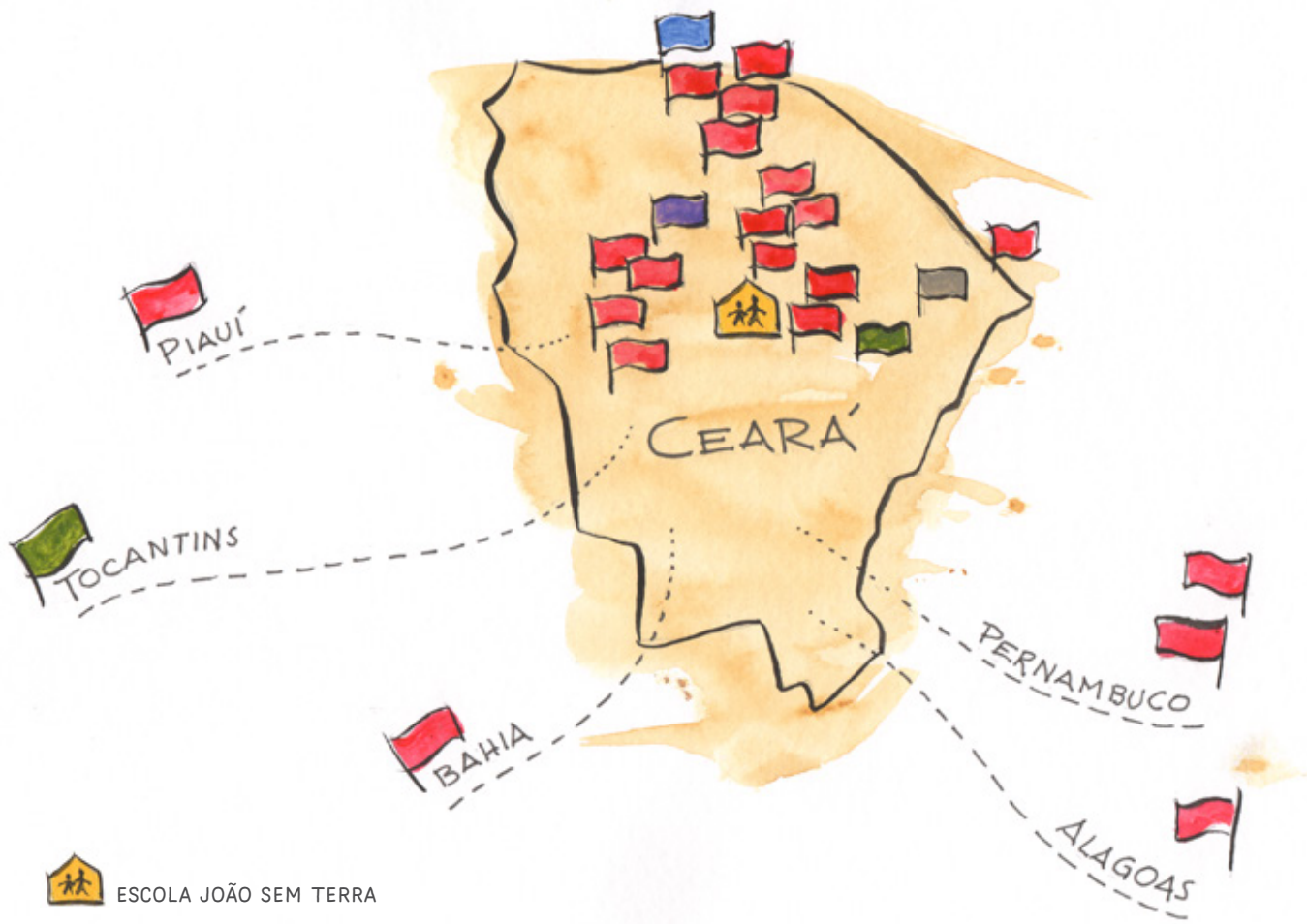
Os educandos/as foram oriundos/as dos estados do Paraná e Santa Catarina, sendo que destes/as, aproximadamente 80% são do Paraná, perfazendo um total de 19 educandos/as e, de Santa Catarina, 4 educandos/as.

O Estado do Paraná tem geograficamente 10 regiões, sendo que destas, a metade esteve representada por educandos/as, das regiões Centro Oriental, Noroeste, Sudeste, Norte Central e Centro Sul.

Quanto ao público das áreas de Reforma Agrá-

ria, buscou-se através das direções e coordenações potencializar a participação de educandos/as para qualificar sua atuação nos territórios. Não se conseguiu alcançar todas as regiões, mas aqueles/as que permaneceram no Curso potencializaram sua atuação na implementação da agroecologia, saúde e meio ambiente.

Quanto às desistências, estas aconteceram no intervalo da 1ª para 2ª Etapa, por vários motivos — desde problemas familiares, doença, questão financeira, outras oportunidades profissionais, ou seja, diretamente relacionados à responsabilidade que a juventude do campo vem assumindo em relação à unidade familiar, ao trabalho para viabilizar renda, dentre outros. Nesse sentido, formações desse tipo lançam o desafio de pensar formas de manter os/as educandos/as nos tempos-formativos, viabilizando condições econômicas para a permanência dos mesmos.








ESCOLA JOÃO SEM TERRA



TERRITÓRIOS

- REASSENTAMENTO MIRANDIBA, BABAÇULÂNDIA, TO
- ASSENTAMENTO NOVA IPIRANGA, CAMACAN, BA
- ASSENT. DOM HELDER CÂMARA, GIRAU DO PONCIANO, AL
- ASSENTAMENTO NORMANDIA, CARUARU, PE
- ASSENTAMENTO JOSUÉ DE CASTRO, OURICURI, PE
- ASSENTAMENTO LISBOA, SÃO JOÃO DO PIAUÍ, PI
- ASSENTAMENTO AROEIRA VILANY, ARACATI, CE
- COMUNIDADE DO TOMÉ, LIMOEIRO DO NORTE, CE
- REASSENTAMENTO ALAGAMAR, JAGUARETAMA, CE
- ASSENTAMENTO PALMARES VILA I, CRATEÚS, CE
- ASSENT. 25 DE MAIO, MADALENA, CE
- COMUNIDADE POÇO DA PEDRA, CANINDÉ, CE
- ASSENTAMENTO UMARIZEIRA, ITATIRA, CE
- ASSENTAMENTO ROSELI NUNES, SANTA QUITÉRIA, CE
- ASSENTAMENTO PATOS BELA VISTA, AMONTADA, CE
- ASSENTAMENTO LAGOA DO JARDIM, AMONTADA, CE
- ASSENT. ALVAÇA GOIABEIRAS, SANTANA DO ACARAÚ, CE
- COMUNIDADE CURRAL VELHO, ACARAÚ, CE
- ASSENTAMENTO SÃO MANOEL, TAMBORIL, CE
- ASSENTAMENTO NOVO CANAÃ, QUIXERAMOBIM, CE
- ASSENTAMENTO GROSSOS, CANINDÉ, CE
- ASSENTAMENTO CALDEIRÃO, QUIXERAMOBIM, CE
- ASSENTAMENTO PALESTINA, INDEPENDÊNCIA, CE
- ASSENTAMENTO PEDRA BRANCA, MIRÁIMA, CE
- ASSENTAMENTO DOIS DE MAIO, TAMBORIL, CE

MOVIMENTOS

-  MOV. DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
-  MOV. DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS
-  MOV. DOS PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS
-  MOVIMENTO 21
-  ARTICULAÇÃO ANTINUCLEAR DO CEARÁ

“Desenhei uma árvore com algumas raízes, que foi nossa turma Raízes da Terra, que ao longo do processo fomos construindo essa troca de conhecimento. Os minerais que alimentaram essa árvore foram os diferentes conhecimentos, as trocas, a relação entre os diferentes movimentos. E os frutos, foi o maior engajamento da juventude. O fruto em si foram os Técnicos-militantes: boa parte dos formados estão contribuindo, seja no assentamento, seja na brigada.” João Paulo/ TMA - Assentamento Palestina / Oiticquinha, Município de Independência, CE. Depoimento durante a sistematização, 2014.



A TURMA RAÍZES DA TERRA (CE)

O perfil da turma *Raízes da Terra* permite vislumbrar as potencialidades e os desafios do que foi o CTMA no estado do Ceará.

A indicação dos/as educandos/as foi predominantemente realizada pelo *Coletivo Nacional do Setor de Saúde do MST* e pela Direção Estadual do Ceará/MST (90%), assim como pelo Núcleo Tramas de Pesquisa/UFC junto à RUMA, uma Rede de Pesquisadores e

Instituições Parceiras dos Movimentos Sociais/CE (10%).

Constituída sobretudo por cearenses e com uma distribuição equitativa entre homens (18) e mulheres (15), a turma se caracterizou por uma faixa etária ampla, dos 17 aos 48 anos.

Ainda reconhecendo a predominância de jovens entre 17 e 25 anos, a participação de educandos/as experientes mostrou quão importante e necessário se faz a presença e o diálogo de saberes entre gerações.

O Curso não necessariamente foi destinado à(s) juventude(s) do campo, porém provavelmente o Método Pedagógico tenha favorecido esse grupo social, como veremos posteriormente.

Concernente aos territórios, em torno de 80% dos/as educandos/as eram de comunidades de clima Semiárido, alguns da Zona Costeira, mas a maioria do sertão e com forte identidade com o bioma Caatinga.

Os municípios do Ceará incorporados à experiência foram: Itaiçaba, Madalena, Itatira, Quixeramobim, Crateús, Limoeiro do Norte, Jaguaratama, Tamboril, Independência, Santana do Acaraú, Acaraú, Santa Quitéria, Amontada e Miraíma.

As singularidades das comunidades de estudantes que vieram de outros estados, como D. Maria da Ilha (Araguaína/TO), Jennifer (Canavieiras/BA), Francisco (São João do Piauí/PI), de Adonias (Ouricuri/PE), Ana e Josefa (Girau de Pociano/AL), fortaleceram a importância da troca de experiências, vida, conhecimento e luta. Tais peculiaridades eram valorizadas e essa diversidade caracterizava a turma.

Foi, então, a partir desse reconhecer o Outro e as diferenças que a imagem de uma árvore e suas raízes se constituiu como símbolo da turma. Dentre os aspectos que mais identificam a turma, um deles é a presença de cinco (5) mo-

vimentos sociais: cerca de 80% eram militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; 9% militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens; e 9% militantes da Articulação Anti-Nuclear, Movimento 21 e Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais.

Essas raízes, constituídas por diferentes movimentos sociais e territórios do Nordeste, se nutriam dos exemplos, contextos e histórias de luta de cada um ali presente.

Lidar com outras realidades de vida, seja dos aspectos geoambientais, das injustiças sociais, das alternativas de convivência e tecnologias compatíveis com a natureza do lugar, do “universo que não era da gente”, como disse Iraneudo — Técnico do Assentamento Caldeirão, município de Quixeramobim, em entrevista durante o processo de sistematização — são uma das principais características e significados do CTMA.

Quanto aos frutos dessa árvore, os principais são os/as próprios/as Técnicos/as, que passaram “por um momento de transformação” segundo Raniele — Técnica do Assentamento Dois de Maio, município de Tamboril — ou mesmo de “mutação” como nos disse Antônio, Técnico da comunidade Poço da Pedra, município de Itatira.

Ou seja, o grande fruto, se podemos eleger um em meio a tantos, é o do empoderamento desses/as jovens que se traduz em protagonismo, engajamento e envolvimento na realidade local, vale dizer, nos territórios onde vivem e atuam agora esses/as Técnicos/Militantes — tal como o expressa o grito de ordem da turma: *Raízes da Terra se Manifestou / Pra Mostrar a Força do Povo Trabalhador.*

frutos ÁRVORE VIDA

TMA
construindo
juntamente com as
assessorias os proces-
sos de atuação nas
comunidades

TMA partici-
pando em todas
as lutas, estudando
sempre (PR)

TMA inse-
ridos direta-
mente no movimento de
jovens da Zona Costeira
como liderança
(CE)

TMA
participando
e sistematizando co-
nhecimentos, saberes e
práticas para a promo-
ção de territórios
saudáveis

TMA contri-
buindo com os debates
relacionados às questões do
Movimento e das comuni-
dades

TRABALHO

MST



JOVENS

CAMPO

Círculo de
bananeiras no
CEAGRO/PR

TMA com
maior inserção
nos movimentos
sociais

Maior interação
dos TMA com suas
comunidades

TMA compo-
ndo a
direção do Acampamento
1º de Maio/PR

TMA contribu-
indo com entidades que
apóiam a comunidade na
Zona Costeira, inclusive
compondo seus conselhos
diretivos (CE)

Relação comuni-
dade/TMA/MST
potencializada

5 TMA par-
ticipando de projeto
de pesquisa de manejo das
águas no Assentamento 25 de
Maio/CE, fazendo mobiliza-
ção social p/ feira de
ciências

Vários TMA rece-
bendo convites para
atuar em equipes de
Assistência Técnica e
Extensão Rural

TMA partici-
pando de novas
formações



ACREDITO QUE POR JÁ TRILHAR UM PERCURSO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA NO NÚCLEO DE PESQUISA TRAMAS, PUDE CONTRIBUIR NA COORDENAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA. CERTAMENTE, ESTA BAGAGEM FOI IMPORTANTE NA MINHA PARTICIPAÇÃO NESTE COLETIVO, POIS DEVO AO GRUPO TANTO OS APRENDIZADOS METODOLÓGICOS DE TRABALHOS CONJUNTAMENTE AOS MOVIMENTOS SOCIAIS, COMO COM UMA REDE DE EDUCADORES, PESQUISADORES E COMUNIDADES NO CEARÁ QUE PUDE- RAM CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO E CONDUÇÃO DOS MÓDULOS. ESTE "DE ONDE EU VENHO" TEM SEUS REFLEXOS NO CTMA, POIS É JUSTAMENTE NO CAMPO DAS INTERRELAÇÕES "SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO" QUE ESTE NÚCLEO TEM ACÚMULO TEÓRICO E FUNDAMENTAÇÃO QUE ORIENTOU, INCLUSIVE, A FORMULAÇÃO DAS UNIDADES DE APRENDIZAGEM DA MATRIZ CURRICULAR. PORÉM, VIVENCIAR O DIA A DIA DO CTMA EXTRAPOLA O CONHECIMENTO TEÓRICO. O ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO FOI UMA EXPERIÊNCIA ÍMPAR, POIS FOI A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO EM QUE PUDE TRABALHAR CONJUNTAMENTE AO MST E À EPSJV/FIOCRUZ. CERTAMENTE, MUITOS DESAFIOS ME CERCARAM, DO NÍVEL INDIVIDUAL AO COLETIVO, DESDE AS RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIA AO TRABALHO INTENSO DE IMERSÃO NO TERRITÓRIO AO LONGO DO TEMPO-ESCOLA. EM MEIO AOS DESAFIOS, VINHAM OS APRENDIZADOS. POIS ERA ALI NO TEMPO PRESENTE QUE A MATERIALIDADE DAS ALTERNATIVAS DE CONVIVÊNCIA CRIAVAM FORMAS, ERA COM OS ESTUDANTES, FILHOS DE ASSENTADOS DE DIFERENTES LUGARES DO NORDESTE E DE MOVIMENTOS SOCIAIS, QUE EU ACESSAVA REALMENTE O SER CAMPONÊS. E ERA NA JUVENTUDE E SEUS SONHOS QUE COMPREENDIA PROFUNDAMENTE O IMPACTO DESTA FORMAÇÃO NAS CONDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE DAQUELAS POPULAÇÕES. **LARA BRAGA** — CPP/CE DO CTMA COMO NÚCLEO TRAMAS DA UFC. TRECHOS DA "CARTA AO CTMA" ESCRITA DURANTE A SISTEMATIZAÇÃO, 2014.

NESTES ÚLTIMOS TEMPOS TENHO REFLETIDO MUITO SOBRE O QUE O CTMA PROPICIOU A TODOS OS QUE PARTICIPARAM, EM ESPECIAL A MIM: UMA MUDANÇA DE VISÃO NO ENTENDIMENTO DA AGROECOLOGIA. POIS O CURSO TRATOU DE TRAZER TODOS OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA CONSTRUÇÃO DA TOTALIDADE — ESTA INTERAÇÃO ENTRE SERES HUMANOS E NATUREZA. TROUXE O OLHAR DA SAÚDE A PARTIR DA PRODUÇÃO, DO TERRITÓRIO, OLHAR DO MEIO AMBIENTE, DA TERRA, ÁGUAS, ENFIM DA VIDA. ACONTECEU EM POUCO TEMPO, SE COMPARADO COM OS DEMAIS, MAS DE UMA PROFUNDIDADE TAMANHA QUE NÃO DÁ PARA SOMENTE ESCREVER: É NECESSÁRIO IR ALÉM — É O FAZER COTIDIANAMENTE. SEUS EIXOS (AGROECOLOGIA, SANEAMENTO, ARTE E CULTURA CAMPONESA E LEITURA E ESCRITA) TROUXERAM EM SI UMA SABEDORIA QUE MUITAS VEZES NÓS, CAMPONESES, QUE ESTAMOS DESFRUTANDO DA MÃE TERRA, NÃO NOS DAMOS CONTA. A VIDA, INTERAÇÃO ENTRE O UNIVERSO — O COSMO. FOI DE UMA SABEDORIA PECULIAR A CONSTRUÇÃO COLETIVA DESTA CURSO, POIS NELE SENTE-SE O PULSAR DO CONHECIMENTO EM TUDO O QUE SE É, E FOI REALIZADO DURANTE AS ETAPAS E O TEMPO-COMUNIDADE. A ASSOCIAÇÃO DOS CONTEÚDOS COM AS PRÁTICAS ATRAVÉS DAS OFICINAS, DA CONSTRUÇÃO DA HORTA MANDALA E O CÍRCULO DE BANANEIRAS FEZ REFLETIR O QUE PODEMOS FAZER PARA VIVER EM CONSONÂNCIA COM A NATUREZA. A VIVÊNCIA DOS ESTÁGIOS FOI UM APRENDIZADO QUE CADA UM DE NÓS LEVA EM SI, A VONTADE DE FAZER O NOVO, CONHECER MAIS, IR ALÉM DE. ESTE CURSO ALIOU O CONHECIMENTO TÉCNICO COM O CONHECIMENTO POLÍTICO-IDEOLÓGICO, O CONHECIMENTO TRANSFORMADOR PARA ALÉM DA CLASSE TRABALHADORA, CONHECIMENTO NECESSÁRIO PARA COMPREENDER QUE A SOCIEDADE ATUAL PRECISA URGENTEMENTE DE MUDANÇAS PROFUNDAS EM SEU SEIO. CONSEGUIU EM SEU TEMPO DAR RESPOSTAS A MUITAS PERGUNTAS QUE ÀS VEZES NÃO CONSEGUÍAMOS RESPONDER. AO MESMO TEMPO QUE FEZ FORMAÇÃO TÉCNICA, FOI POSSÍVEL TAMBÉM FAZER A FORMAÇÃO POLÍTICA — A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS COLETIVOS. **ELAINE JUSSARA MARCHIORO (PRETA)** — TRECHOS DA "CARTA AO CTMA" ESCRITA DURANTE A SISTEMATIZAÇÃO, 2014.



A RODA

“A primeira dimensão da territorialização do CTMA foi a construção das parcerias” — esta é a fala de André Búrigo/Deco, um dos membros da CPP do Curso nos dois territórios e integrante da Coordenação Geral de todo esse processo.

Nesse sentido, vale lembrar os encontros entre a EPSJV e, de um lado, o Núcleo Tramas da UFC, no Ceará, e do outro o CEAGRO, no Paraná, a partir dos quais se começou a tecer a urdidura do Curso — e donde se construíram as dez oficinas de preparação das quais já falamos. No entanto, quer no Ceará, quer no Paraná, as parcerias se estenderam muito além dessas, que foram, junto com a Fiocruz e o MST, as grandes âncoras do CTMA.

No *Fascículo 2*, onde trataremos do tema da

Gestão, esse aspecto das parcerias será bem mais aprofundado, no sentido de dar a perceber a imensa roda tecida entre entidades, instituições, movimentos e pessoas para que a experiência de formação em Técnico/a em Meio Ambiente pudesse ser gestada, vivida, refletida e, agora, compartilhada.

Para que não saíamos, contudo, deste *Fascículo 1* sem ter uma ampla ideia de todo o processo, vejamos a seguir o leque de parcerias estabelecidas para que o CTMA fosse, mais que um desejo ou um sonho, uma realidade.

DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO

- Escola de Saúde Pública do Ceará/ESP-CE
- Universidade Estadual do Ceará/UECE
- Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/FAFIDAM – Limoeiro do Norte – CE
- Instituto Federal do Ceará/IFCE – Limoeiro do Norte-CE
- Universidade Estadual do Piauí/UESPI – Campo Maior
- Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN – Mossoró-RN
- Universidade Federal do Ceará/UFC
- Universidade Federal do Oeste do Pará/UNIFOPA – Santarém-PA
- Universidade Federal Rural do Semiárido/UFERSA – Mossoró-RN
- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB – Redenção-CE
- Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia/CEAGRO-MST-PR
- Centro Popular de Saúde Yantem – Medianeira-PR
- Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak – Assentamento Ireno Alves/MST-PR
- Escola de Saúde Pública do Paraná/ESP-PR
- Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV
- Escola Milton Santos de Agroecologia/MST – Maringá-PR
- Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO – Guarapuava-PR
- Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNOESTE – Cascavel-PR
- Universidade Federal do Paraná/UFPR
- Universidade Federal Fronteira Sul/UFFS – Laranjeiras do Sul-PR
- Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI

COMUNICAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO

- Aicó Culturas
- Cooperativa EITA.
- Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida

PARCEIROS NO CEARÁ

- Assessoria em Direitos Humanos, Comunicação e Justiça/URUCUM – Fortaleza/CE
- Cáritas Brasileira Regional Ceará
- Cooperativa Central das Áreas de Reforma Agrária do Ceará/CAA
- Cooperativa de Assessoria e Serviços Múltiplos ao Des. Rural/COOPERVIDA-RN
- Comissão Pastoral da Terra/CPT
- Escritório da Fiocruz Ceará
- Instituto Terramar/Povos do Mar do Ceará
- Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico/IBDU
- Movimento de Saúde Mental Comunitário do Bom Jardim/MSMCEB – Fortaleza/CE
- Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares/RENAP
- Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza
- Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi/RN

PARCEIROS NO PARANÁ

- Escola Itinerante Zumbi dos Palmares/PA Valmir Mota-MST
- Instituto Agrônômico do Paraná/IAPAR
- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMBio
- Itaipu Binacional
- Panificadora Coletiva das Mulheres/PA Olga Benário-MST
- Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado do Paraná
- Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba

PARCEIROS NACIONAIS

- Associação Brasileira Rede Unida – Rede Unida.
- Associação Brasileira de Saúde Coletiva – Abrasco
- Ministério da Saúde